

O USO DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Alfabetização, Pós-Graduação "Lato Sensu" da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista.

CURITIBA
1992

Para meus filhos

A quem transmiti muito de mim e de quem me vem coragem para prosseguir porque eles representam a renovação e o futuro.

Professora Orientadora
Verônica Branco
Professora Assistente
Mestre em Educação, Recursos Humanos
e Educação Permanente.
Coordenadora do Curso de Especiali-
zação – Pós Graduação (Lato Sensu)

Dos diversos instrumentos utilizados pelo homem, o mais espetacular é sem dúvida, o livro. Os demais são extensões de seu corpo. O microscópio, o telescópio, são extensões de sua visão; o telefone é a extensão de sua voz; em seguida, temos o arado e a espada, extensões de seu braço. O livro, porém, é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação.

(Borges, Jorge Luis. Cinco Visões Pessoais. Brasília, 1983.

SUMÁRIO

	Pág.
RESUMO.....	06
APRESENTAÇÃO.....	07
CAPÍTULO I	
1.1. JUSTIFICATIVA	09
1.2. OBJETIVOS	10
1.3. O PROBLEMA: SUA DELIMITAÇÃO.....	10
1.4. LIMITAÇÕES.....	10
1.5. METODOLOGIA.....	11
CAPÍTULO II	
REVISÃO DE LITERATURA.....	13
CAPÍTULO III	
O ESTUDO: SUA EXECUÇÃO E SEUS RESULTADOS.....	20
3.1. O CBA E A SUA PROPOSTA DE ALFABETIZAÇÃO.....	20
3.2. A PSICOGÊNESE DA ESCRITA.....	21
3.3. PERFIL DA CLASSE.....	22
3.4. HISTÓRICO DA VIDA DOS ALUNOS.....	23
3.5. DIAGNÓSTICO INICIAL.....	26
3.6. APRECIACÃO SOBRE A COMPREENSÃO DA ESCRITA.....	26
CAPÍTULO IV	
SUGESTÕES DE ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS.....	47
BIBLIOGRAFIA COMENTADA.....	96
CONCLUSÃO.....	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	100

RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de mostrar o acompanhamento e análise em vários momentos da evolução da escrita, de alunos de uma classe do Ciclo Básico de Alfabetização, considerados pela Escola, como difíceis e com problemas de aprendizagem.

Essa análise considerou a compreensão que cada aluno possuía sobre a escrita no primeiro dia de aula, a evolução de cada um durante a execução do Projeto de Pesquisa e o progresso alcançado durante todo o processo.

A reflexão teórica e sugestões metodológicas tem como propósito mostrar que há caminhos possíveis para serem seguidos que diferem da metodologia tradicional em alfabetização, porque são fundamentadas em teorias e estudos recentes sobre a aprendizagem e sobre a apropriação da linguagem escrita pela criança.

APRESENTAÇÃO

Esta monografia integra as exigências conclusivas do Curso de Especialização em Alfabetização Pós-Graduação (Lato Sensu) do Departamento de Métodos e Técnicas da Educação - Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Enquanto estudo representa a busca, o esforço para transformar uma prática pedagógica em alfabetização que começou a se delinear em 1990 com a implantação do Ciclo Básico de Alfabetização em todas as Escolas Públicas do Estado do Paraná.

Enquanto alfabetizadora, muitas questões inerentes ao ensino da leitura e escrita, necessitavam ser fundamentadas por estudos teóricos que dessem sustentação e respostas ao que fazer e como fazer para melhor conduzir o ensino no processo de alfabetização.

CAPÍTULO I

CONTEXTO

A crise educacional brasileira vem se agravando nas últimas décadas, apesar da aparente democratização do ensino. Conseqüentemente, o índice de analfabetismo entre a população é alarmante.

Com a chegada de um número maior de alunos oriundos da classe trabalhadora, a escola viu-se sem condições de atendê-los devidamente. Isto pela inadequação de seus métodos de ensino para orientar essa clientela, pelo despreparo dos professores, falta de condições materiais da escola e pela ausência de diretrizes políticas educacionais eficientes.

A não realização de um direito básico de todo cidadão, que é a escolarização de 1º grau, garantida pela Constituição, traz como conseqüência a denúncia de que a escola democrática para todos, ainda é uma realidade não concretizada.

Além da não universalização do atendimento escolar dos sete aos quatorze anos, se verifica que a escola não consegue manter todas as crianças que nela ingressam, dificultando-lhes a conclusão do 1º grau. A evasão escolar e a repetência têm sido um dos problemas mais sérios que requer soluções urgentes.

No Paraná, segundo dados da Fundepar, de cada 100 crianças que ingressam na escola pública, 25 delas se evadem na primeira série. A média de escolaridade no Estado gira em torno de 3,4 anos.

Para assegurar que os alunos sejam alfabetizados com eficiência, apropriando-se, dominando a linguagem escrita, é que se propõe novas metodologias que superem o conceito de alfabetização somente como o domínio do sistema gráfico.

Depois

Usando a literatura infantil desde o início da alfabetização, possibilita-se ao leitor o contato com um modelo de linguagem expressivo, rico e significativo para os alfabetizandos.

Pretende-se com essa prática reverter o processo de alfabetização centrado em cartilhas onde utiliza-se a decodificação de letras, sons e por esse motivo torna-se um processo mecânico, restrito, prejudicando a formação de leitores e a produção de seus textos.

1.1. JUSTIFICATIVA

A aquisição e o domínio da leitura e da escrita permite o acesso aos conhecimentos científicos básicos, ao saber sistematizado e à participação aos bens culturais, direito de todo cidadão.

A formação de leitores amadurecidos e críticos que possam expressar suas idéias na linguagem escrita de maneira clara e adequada, pressupõe uma caminhada que se inicia com a alfabetização da criança nos primeiros anos de escolaridade.

A alfabetização com cartilhas tem se mostrado ineficiente na aquisição da leitura e da escrita, pois apresenta um modelo de linguagem artificial, com repetições mecânicas de sílabas, apresentando frases isoladas, descontextualizadas e sem significado para as crianças.

O contato com o livro de literatura infantil desde os primeiros dias de aulas, podendo ser manuseado, explorado, discutido, comentado e ouvido, mediante as histórias lidas pelo professor, se constitui num material atraente para envolver o aluno na leitura e escrita.

Ao se expor os alunos à linguagem dos textos literários, supõe-se que, por serem estes carregados de significação e de beleza estética, apresenta-lhe um modelo de linguagem escrita que ajuda na apropriação da leitura e na produção de textos.

1.2. OBJETIVOS

Pretende-se com este estudo constatar como a Literatura Infantil pode ser usada no processo de alfabetização apresentando os textos literários como modelo de linguagem escrita para através deles promover a produção de textos nas séries iniciais.

1.3. O PROBLEMA: SUA DELIMITAÇÃO

A principal questão a ser respondida com o presente estudo é: Qual a forma da Literatura Infantil contribuir na produção de textos das crianças em vias de alfabetização?

Com a finalidade de responder essas questões desenvolvemos o Projeto de Pesquisa, orientando as atividades de ensino da leitura e escrita com o uso intensivo da Literatura Infantil em sala de aula.

Executamos o projeto na Escola Estadual Dona Branca do Nascimento Miranda, escola de 1º grau, que tem como mantenedora a Secretaria de Estado da Educação do Paraná, SEED. Esta escola localiza-se no Bairro Tingui em Curitiba e atende alunos deste bairro e de localidades próximas. Os alunos atendidos no Projeto estão cursando a 2ª fase do Ciclo Básico de Alfabetização, CBA, proposta pela SEED para todas as Escolas Públicas do Paraná.

O acompanhamento e execução de Projeto de Pesquisa foi no período de fevereiro a julho de 1992.

1.4. LIMITAÇÕES

Algumas interferências surgiram durante a execução do Projeto de Pesquisa, dificultando e limitando o trabalho em sala de aula:

- espaço físico inadequado;
- ausência de material pedagógico;

- condições não ideais para a realização do trabalho pedagógico;
- não entendimento da proposta de trabalho por parte dos outros profissionais da Escola;
- falta de apoio por parte da Escola para a realização de reuniões pedagógicas, reuniões para estudo e reflexão e divulgação da proposta de alfabetização.

1.5. METODOLOGIA

Introdução:

A finalidade desta pesquisa-ação foi a aplicação de uma proposta de alfabetização fundamentada na visão construtivista-interacionista da aprendizagem.

Nessa concepção a aprendizagem é vista como um processo onde o conhecimento é o resultado da própria ação do sujeito. Este é um ser ativo, inteligente, centro do processo de ensino.

A atividade interna ativa da criança é fundamental, mas a construção do conhecimento se faz também na interação entre os alunos e deste com o professor.

Metodologia:

Utilizou-se um modelo de pesquisa-ação onde o pesquisador participou também como executor do Projeto de Pesquisa.

Primeiramente houve uma sensibilização para que a Equipe Pedagógica, a Direção da Escola e os pais acompanhassem o desenvolvimento dos alunos durante o processo de alfabetização.

Num segundo momento, foram determinadas as prioridades para execução do Projeto.

No início do ano letivo foi realizado um diagnóstico inicial dos alunos para conhecer qual o entendimento que estes possuíam sobre

a escrita. Este diagnóstico serviu para indicar os procedimentos iniciais e para tomada de decisões quanto a proposta de atividades realizadas em sala de aula.

O acompanhamento do progresso e avaliação dos alunos foi registrada em vários momentos durante o período de fevereiro a julho.

CAPÍTULO II

REVISÃO DE LITERATURA

Reflexões sobre a Linguagem e Alfabetização

A linguagem faz parte de todos os nossos atos cotidianos e juntamente com o trabalho caracteriza a nossa humanidade, nos torna diferentes dos animais.

A compreensão de que a linguagem só tem sentido, ganha significado quando em uso nas relações sociais, implica também concebê-la como produto de um trabalho coletivo dos homens.

A linguagem que surgiu para satisfazer uma necessidade social, para organizar a experiência e o conhecimento humano tem na escrita o seu produto mais desenvolvido, cujo avanço se deu pela complexidade das relações sociais de trabalho.

O texto escrito, por ser representação de outra representação que é a fala, tem um grau de abstração mais elevado, pois não conta com elementos como gestos, entonação, usados na fala. A informação veiculada pelo texto escrito se apoia tão somente nos elementos próprios da língua escrita.

A experiência, o conhecimento do homem, o acervo científico, a cultura letrada são acessíveis a quem domina a língua escrita. Esse domínio possibilita também o desenvolvimento de formas de pensamento mais elaborados.

Vendo-se a alfabetização como um processo em que o sujeito se apropria da língua escrita, a linguagem não pode ser apresentada de forma fragmentada pois a significação das palavras só se realiza no texto. É o texto o elemento norteador desse processo.

As atividades de língua na escola e principalmente na alfabetização não podem ser artificiais, cabendo ao professor criar situações onde haja interação entre sujeitos e onde a linguagem seja usada de maneira significativa.

Para que a alfabetização não se restrinja apenas ao domínio do sistema gráfico, reconhecimento e utilização de letras, é necessária a efetiva realização da linguagem em diversas situações.

Para que isto ocorra é preciso que a criança veja sentido no texto trabalhado.

22 Ao contrário, os "textos" das cartilhas são artificiais, são apresentados como pretexto para o estudo das palavras, sílabas e letras. O objetivo é a repetição silábica, o treino gráfico.

22 O uso de um vocabulário limitado e repetitivo e de frases isoladas não fazem parte da língua viva, portanto são sem significado e retiram do ato de ler e escrever a sua função social.

O contato diversificado da criança com o mundo da escrita através da literatura, propagandas, livros, jornais, revistas, cartazes, rótulos, músicas e outros levam o aluno à compreensão da função social da escrita.

22 O uso de cópias e ditados, a apresentação de sílabas e de palavras isoladas no ensino da leitura e escrita, bem como a sistematização da gramática em exercícios estruturais, são práticas que necessitam ser revistas pelos professores alfabetizadores.

22 A superação dessa prática na sala de aula se faz através do uso efetivo da língua escrita visando apresentar ao aluno situações reais onde se vivencie o significado do ato de ler e escrever.

Nessa proposta o aluno vai aprender ler lendo, e a escrever, escrevendo, vai usar o desenho como uma das formas de representação do real.

Dispensa-se o uso do período preparatório onde se trabalham os pré-requisitos para se obter a "prontidão" e as habilidades motoras específicas para a alfabetização.

Considera-se o aluno apto a ler e a escrever desde o primeiro dia de aula.

Cabe ao professor garantir a fluência do aluno no ato de ler e escrever sem necessidade de seguir passos sequenciais, segundo uma hierarquização de dificuldades determinada pela cartilha ou pelo método adotado.

O papel do professor no processo da alfabetização é decisivo, pois é ele o elemento capaz que faz a mediação entre a criança e o objeto do conhecimento, nesse caso, a escrita. É fundamental que o professor considere o que a criança já sabe, para a partir daí se propor a ensiná-la.

Principalmente no meio urbano, vê-se por todo lado, anúncios, propagandas, jornais, revistas, informações. Vivendo nesse meio a criança desde muito cedo tem oportunidade de interagir com esse material escrito.

A criança que em sua casa tem contato com livros, jornais, revistas e vê os adultos lendo, formula suas hipóteses sobre a escrita bem mais cedo. Quando ingressa na escola, a escrita para ela não é novidade.

A interação da criança com a escrita é maior e mais ativa, ou menor, dependendo da classe social a que ela pertence, do uso que se faz da leitura e da escrita em seu meio.

GAGLIARI (1988) referindo-se à alfabetização com cartilhas afirma que, os passos sequenciados, a progressão definida desde o primeiro dia de aula, os procedimentos nelas utilizados só servem para um acompanhamento coletivo de todos os alunos, como se todos fossem iguais.

O esforço de cada um, o que o aluno traz, sua realidade social, sua especificidade individual, o dialeto falado pelo aluno, nada disso é considerado.

Já que as cartilhas vêm sendo utilizadas amplamente, desde que surgiram, se faz necessário que os professores reflitam criticamente sobre seu uso, qual a concepção de linguagem que elas possuem.

Se a utilização da cartilha na alfabetização é uma prática tão difícil de ser deixada de lado por professores alfabetizadores, supõe-se que o motivo seja a insegurança quanto ao uso de novos procedimentos e a falta de conhecimentos teóricos por parte desses professores.

Esses conhecimentos que fundamentam esta proposta de alfabetização questiona toda uma prática desenvolvida até agora nas salas de aula:

- o uso da cartilha;
- a preocupação excessiva com a correção formal do texto;
- só aceitação da escrita ortográfica;
- não aceitação dos "erros" das crianças como parte de um processo de apropriação da língua escrita;
- a utilização de exercícios mecânicos e repetitivos visando a automatização da escrita;
- considerar a cópia, ditado, leitura mecânica, interpretação de textos e exercícios estruturais de gramática como atividades norteadoras no processo de alfabetização;
- não considerar no ensino da leitura e escrita os usos efetivos, a função que a escrita tem na sociedade;
- não considerar prioridade a formação de leitores, não despertando os alfabetizandos para o uso da leitura, para o mundo dos livros.

A AVALIAÇÃO

A classificação dos alunos com notas, seguindo padrões de desempenho estabelecidos anteriormente, tem sido formas de avaliar utilizadas na alfabetização tradicional. Nessa avaliação não se considera a compreensão que cada criança traz sobre a língua escrita quando chega à escola; considerando um mesmo ponto de partida, exige-se um desempenho comum para todos os alunos.

Entendendo-se a alfabetização como um processo em que o aluno vai se apropriar, dominar a linguagem escrita, a avaliação nessa perspectiva assume um caráter diagnóstico. Essa avaliação serve para o professor verificar o quanto o aluno progrediu e também para que o professor possa avaliar sua prática pedagógica e revê-la se for necessário.

Leva-se em consideração o processo de apropriação do aluno, analisando-se a sua compreensão da escrita nos primeiros dias de aula (diagnóstico inicial), e depois os resultados obtidos, isto é, as aquisições que o aluno conseguiu empreender.

A avaliação é cumulativa, vê o processo todo ao longo do tempo destinado à alfabetização, usa-se a produção de textos dos alunos, como norteador dessa avaliação.

O registro da avaliação é descritivo, analisa e descreve o processo de aprendizagem da leitura e escrita. A avaliação é feita sob duas perspectivas: do aluno, comparando os primeiros com os últimos textos; do conteúdo proposto - fazendo a análise das produções do aluno em relação ao conteúdo proposto.

CAGLIARI (1991), analisando a natureza dos "erros" ortográficos que os alunos cometem quando estão aprendendo a escrever, produzindo seus próprios textos, afirma que estes "erros" não devem desvalorizar a produção escrita.

Demonstrando um modo de escrever "não ortográfico", na realidade o que os alunos fazem é fazer usos possíveis do sistema de escrita do português. Os erros não revelam falta de capacidade dos alunos assim como os acertos não acontecem por acaso.

Somente quando permite-se que o aluno escreva textos por conta própria é possível saber como ele está pensando a escrita naquele momento. A análise das dificuldades do aluno serve para que o professor possa ajudá-lo e aos poucos levá-lo a produzir seus textos dentro da escrita ortográfica.

IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

É comum o reconhecimento, que a literatura para as crianças, desde o século XVIII, quando se constituiu em forma de comunicação escrita, tem sido usada como discurso utilitário, desempenhando um papel essencialmente pedagógico.

Na Antiguidade e na Idade Média usavam-se os clássicos literários para a transmissão de valores, sobretudo os morais.

Uma literatura menos utilitária começa a aparecer só no século XIX, em várias partes do mundo, quando artistas e estudiosos se interessam pela questão.

No Brasil, só recentemente, nos anos 70, se começou a questionar esse modelo de discurso e a partir daí a literatura para as crianças passa a tomar novos rumos.

O primeiro contato da criança com a literatura se faz através das histórias contadas pelos adultos.

MORAIS (1986), afirma que há histórias que perduram no tempo, são conhecidas por todos os povos porque tem compromisso com a beleza, com os desejos mais secretos do ser humano.

Literatura é arte, é prazer! Deve extasiar pela beleza, divertir, encantar!

Através da arte da palavra, a literatura pode contribuir para o leitor descobrir outras realidades, projetar seus sonhos, aflorar a sua sensibilidade e imaginação.

O contato da criança com a literatura deve envolver a emoção, a descoberta, a sedução pelo livro.

O gosto pela leitura, o despertar do amor pelos livros, a formação do leitor, é sem dúvida uma das tarefas do professor alfabetizador. *pré-escolar.*

Se a tarefa de alfabetizar, se cumprir de maneira satisfatória, o indivíduo habilitado à leitura pode se transformar em um leitor.

Assim se expressa ZILBERMAN (1985),

Sabendo ler e não mais perdendo esta condição, a criança não se converte necessariamente num leitor, já que este se define, em princípio pela assiduidade a uma instituição determinada, a literatura.

Entre as situações práticas de literatura em sala de aula, uma se revela de importância fundamental, o contar e ler histórias.

Desde o início da alfabetização, as crianças estando em contato e tendo acesso aos livros de literatura, para que possam manusear, descobrir, se interessar, mais tarde terão autonomia para fazer sua própria escolha de leituras.

Antes de tudo, a sala de aula pode se transformar num espaço propício para a criação e inovação, onde a literatura e a poesia e a arte em geral estejam presentes como atividades prazerosas e lúdicas.

Sensibilizar o aluno para apreciar o texto literário, a "poesia como forma de comunicação com o mundo", é também uma atitude transformadora numa sociedade onde não se admite o "não lucro" onde quase não se tem espaço para o prazer.

CAPÍTULO III

O ESTUDO: SUA EXECUÇÃO E SEUS RESULTADOS

3.1. O CBA e a sua proposta de alfabetização

O Ciclo Básico de Alfabetização-CBA, proposto pela SEED para todas as Escolas Públicas do Estado do Paraná, prevê um tempo maior para que a criança se aproprie da língua escrita.

Isso se efetiva num continuum de dois anos de escolaridade (1ª e 2ª séries), destinados à alfabetização, sem reprovação na passagem da 1ª para a 2ª fase do Ciclo Básico.

Esse alargamento do tempo destinado à alfabetização não pode ser entendido apenas como uma simples expansão do tempo destinado à apropriação da língua escrita pelo aluno.

O que está atrás do CBA, é uma proposta pedagógica embasada em pesquisas mais recentes na área da aquisição da leitura e da escrita. É uma proposta que difere em todos os aspectos da alfabetização tradicional, onde ler significa apenas dominar o sistema gráfico.

Vendo-se de modo diferente a criança, o seu processo de aprendizagem, o encaminhamento metodológico dessa proposta tem como princípio a perspectiva sócio-interacionista de linguagem, onde a ênfase desloca-se do gráfico para a dimensão significativa do texto.

As atividades desenvolvidas com os alunos pressupõe levá-los à compreensão da função da escrita na nossa sociedade, e à compreensão progressiva das relações que organizam nosso sistema de escrita.

3.2. A psicogênese da escrita

FERREIRO (1985), através de suas pesquisas concluiu que as crianças evoluem em suas hipóteses de escrita passando por diferentes etapas e que estas correspondem às etapas que a humanidade percorreu para construir o sistema de escrita. O início da aquisição da representação escrita da linguagem não se dá propriamente quando a criança entra para a escola.

A pesquisa psicogenética realizada por Ferreiro e Teberosky trouxe dados relevantes sobre esse assunto. Segundo esses dados e outros que foram obtidos em diversos países, há uma demonstração de uma evolução da escrita da criança, distinguindo-se etapas sucessivas.

Como em qualquer outro conhecimento, para a compreensão da escrita a criança deve resolver problemas de natureza lógica. Ela age como alguém que pensa, reflete, passa por hipóteses, constrói interpretações e interage com o objeto de seu conhecimento.

Para se fazer uma avaliação inicial, com a finalidade de saber em que nível de aquisição da escrita as crianças se encontram, faz-se necessário analisar as suas produções escritas, tendo como referencial os quatro níveis: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

Nesse diagnóstico incluímos também os sub-níveis para melhor acompanhamento dos alunos.

Nível pré-silábico - Denominam-se pré-silábicas todas as escritas que não apresentam correspondência sonora (entre grafias e sons).

Nesse período a criança exige uma quantidade mínima de letras - geralmente três - para que uma escrita diga algo. Usa-se critérios como: variar a quantidade de letras para obter escritas diferentes; variar o repertório de letras; variar a posição das mesmas letras sem modificar a quantidade. Essas escritas predominam em um período longo no processo de alfabetização. Na passagem para o nível seguinte pode haver a presença do valor sonoro inicial nas palavras.

Nível silábico - A descoberta que a quantidade de letras usadas para escrever uma palavra pode corresponder à quantidade de partes que se emite oralmente quando se diz essa palavra, faz com que a criança entre no período silábico.

A hipótese silábica tem uma importância significativa na evolução da escrita da criança. Ela passa a compreender a relação entre a totalidade e as partes que a compõem; regula a quantidade de letras e geralmente associa o som com a letra convencional. Pode também haver correspondência de uma grafia para cada sílaba. A atenção da criança centra-se nas variações sonoras entre as palavras.

Nível silábico-alfabético - Neste nível há duas formas de se fazer correspondência entre sons e grafias, a silábica e a alfabética. É nessa fase que há início da análise fonética das palavras. Nas escritas silábico-alfabéticas pode ou não haver predomínio do valor sonoro convencional.

Nível alfabético - é o final da evolução da escrita. Nestas escritas existe correspondência sonora entre grafemas e fonemas. As escritas alfabéticas podem apresentar ou não predomínio do valor sonoro convencional. Ao chegar a esse nível a criança já compreendeu o sistema da escrita, mas ainda enfrentará as dificuldades próprias da ortografia da língua.

3.3. Perfil da Classe

A classe onde vai ser desenvolvido o Projeto de Pesquisa foi inicialmente composto de 15 alunos, todos da 2ª fase do Ciclo Básico de Alfabetização, tidos como não alfabetizados no diagnóstico fornecido pelas professoras do ano anterior. Desses, cinco alunos frequentaram a 1ª fase do CBA em 1990, estando portanto, em 1992 repetindo a 2ª fase. O restante, estiveram na 1ª fase em 1991 e vão frequentar a 2ª fase pela primeira vez.

Alguns alunos são tidos como difíceis, com problemas de comportamento e de aprendizagem.

As informações sobre eles vieram das professoras do ano anterior, da supervisão e das conversas com as mães.

3.4. Histórico da vida dos alunos

AN - Ingressou na 1ª fase do CBA em 1990. Este ano está repetindo a 2ª fase. Nos primeiros dias de aula, observei que já lê palavras, mas não está familiarizada com a leitura de textos. Está desmotivada, diz que não sabe escrever.

AND - Em 1991 ingressou na 1ª série. É uma criança tímida, não participa, fica quase alheio a tudo. A informação que tenho do AND é de que não participava das atividades no ano anterior. A supervisora da Escola comentou que ele não lê e mal escreve o seu nome.

O AND mora com a avó e esta mostrou-se bastante preocupada por ele não ter aprendido a ler. Diz que o mesmo passou por problemas emocionais com a separação dos pais.

MAI - Nesse ano está repetindo a 2ª série. Segundo a professora do ano anterior, ele ficou nessa classe pois não está alfabetizado. O MAI não está motivado para escrever, diz que não sabe. Lê palavras.

DE - Está repetindo a 2ª série em 1992. A supervisora da Escola mostrou-se preocupada pois após dois anos de escolaridade o DE ainda não lê.

No início do ano, ele se recusava a desenhar e nem fazia tentativas de escrita.

JOA - Esse aluno também está repetindo a 2ª série. Foi-me apresentado como um caso difícil. Não demonstrava nenhum interesse em ler e escrever. Segundo a mãe de JOA essa apatia se deve a problemas emocionais originados no relacionamento familiar.

O aluno demonstrava desinteresse por todas as atividades, recusando-se a executá-las.

RE - Esta repetindo a 2ª série. Este aluno mora numa instituição que cuida de menores sem família. Frequenta a Escola desde 1990, quando ingressou na 1ª série.

O perfil que a Escola tem de RE é o de uma criança com problemas de aprendizagem, pois não apresentou um desenvolvimento dentro dos padrões considerados normais. Não lê e nem escreve. Num primeiro momento pude perceber uma certa apatia e desinteresse pelas atividades realizadas na sala de aula.

AD - Fez a 1ª série em 1991. Assim como o RE, a AD era considerada uma aluna com problemas de aprendizagem. Segundo informações de sua mãe, a AD teve meningite quando era pequena. Desde então toma medicamentos fortes, é muito nervosa e não pode ser contrariada.

Quanto à AD, incorporou para si mesma as afirmações de sua mãe. Desde o início do ano afirmou não saber desenhar, não saber ler e nem escrever. Ia além, dizendo que era burra e por isso não aprendeu a ler. Recusava-se a fazer as atividades propostas.

JO - Frequentava a 1ª série em 1991. Logo no início das aulas, percebi que na leitura o aluno demonstrava um desenvolvimento maior que os demais alunos, porém não fazia tentativas de escrita. Sua mãe contou que em meados de setembro do ano anterior, quando o JO estava frequentando a 1ª série, ele ficou com hepatite, perdendo muitas aulas.

DI - O DI frequentou a 2ª série no ano de 1991. Foi incluído nesta classe pois segundo constava não estava alfabetizado. No início do ano, percebi que o aluno lia e reconhecia os nomes de todos os colegas. Percebi também que lia o enunciado das atividades e li-vrinhos de história.

Depois de ler as histórias infantis, sempre pedia para que os alunos desenhassem e que escrevessem. Em uma dessas atividades, DI escreveu. Além do diagnóstico inicial, outras produções do aluno comprovaram que ele escrevia alfabeticamente.

Junto com a supervisora da Escola tomamos a decisão de mudar o DI de turma. Desse dia em diante o aluno passou a frequentar uma 2ª série "normal", onde são desenvolvidos conteúdos específicos dessa série.

MA - Em 1991 o aluno frequentou a 1ª série. Havia apresentado dificuldades durante o ano todo. Era uma criança tímida, com dificuldades para se comunicar. Não tentava ler e nem escrever. Essa atitude dificultou o trabalho no início, pois o aluno demonstrava resistência à aprender, estava sempre tenso e com medo de errar.

OC - Em 1991 essa aluna cursou a 1ª série e me foi apresentada como não alfabetizada.

Inicialmente a OC estava sempre muito quieta e tinha dificuldades para se relacionar com os demais devido a sua timidez. Num diagnóstico inicial percebi que estava tentando ler mas se recusava a escrever sozinha.

VA - O VA frequentou a 1ª série em 1990. Em 1991, por motivos particulares esteve afastado da Escola. Voltando em 1992, ficou decidido que ficaria nessa turma. O que pude perceber inicialmente é que o aluno não lia e nem fazia tentativas de escrita.

WI - Em 1991 o aluno frequentou a 1ª série. A informação que me deram é que não estava alfabetizado. O aluno, no início, mostrou-se rebelde, se recusava a realizar as atividades propostas; não tentava ler e nem escrever. O que agravava a situação era a sua agressividade voltada contra os colegas agredindo-os constantemente.

WIL - Iniciou a 1ª série em 1991. Esse aluno foi me apresentado com dificuldades de aprendizagem. Sua mãe informou que ele tem problemas de crescimento e está em tratamento com remédios. Na sala de aula, desde os primeiros dias, o WIL tentava ler e fazia tentativas de escrita.

JU - O JU é um caso diferente. Tem 12 anos de idade. É um menor infrator que foi recolhido e mandado para um órgão assistencial, onde mora atualmente. Foi matriculado em 1992 na 1ª série, mas devido a diferença de idade e dificuldades de relacionamento com uma turma de alunos mais novos, ficou nessa turma.

Pouco se sabe dos antecedentes do JU. Conversando com ele, fiquei sabendo que já frequentou escola. Os responsáveis por ele dizem que não tem como comprovar sua escolaridade, pelo menos no momento.

Desde o início, o aluno demonstrava grande curiosidade para ler tudo o que lhe caía às mãos: minhas anotações, livros de histórias, bilhetes e avisos que iam para casa.

O JU possui um defeito de articulação da fala, o que dificulta a pronúncia das palavras. Ele faz muito esforço para se fazer entender.

3.5. Diagnóstico inicial

No primeiro dia de aula, depois do contato inicial, propus que cada aluno desenhasse sobre as férias.

Distribui as folhas de sulfite, pedi que escrevessem o nome e fizessem o desenho. Depois que terminaram o desenho, pedi que escrevessem o nome das coisas que desenharam.

Os alunos que não estavam presentes nesse dia fizeram essa atividade um outro dia.

3.6. Apreciação sobre a Compreensão da Escrita

No primeiro dia de aula, 17 de fevereiro, os alunos apresentaram os seguintes resultados:

AN - A aluna desenhou a casa onde aparecem os móveis em cada compartimento. A palavra lâmpada aparece quatro vezes, sempre escrita da mesma maneira LAPADE. Na palavra chuveiro guia-se pelo som e escreve VUVERO. O mesmo acontece nas palavras: cama - CONA, armário - ANARO, geladeira - GELADARA, televisão - DELIVAZO, pia - TIA. Há ainda a palavra guarda-roupa que grafa como LHATAROPA.

Análise - A aluna emprega letras para escrever. Estas letras são utilizadas de acordo com o som convencional porém fazendo trocas de sons próximos (ch - v) (t - d), grafando todos os sons da palavra. Emprega estratégias de escrita silábica-alfabética.

DI - O aluno desenhou árvores, uma casa, nuvens e sol. A palavra casa ele escreveu na norma padrão, o mesmo acontecendo para as palavras árvore e sol. Na palavra nuvem há troca da letra N por M.

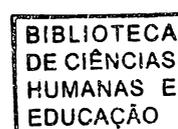
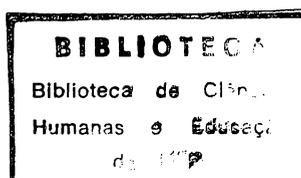
Análise - O aluno emprega as letras convencionais para escrever. A troca do M por N revela que há aproximação muito grande da letra certa (o som das letras são próximos). O aluno demonstra que já entendeu como funciona o nosso sistema de escrita. A estratégia de escrita empregada é a alfabética.

JU - Fez um desenho com muitos detalhes: árvore, casa, flores, nuvens, pássaros, sol e arco-íris. A palavra árvore foi escrita de maneira convencional. Para nuvem o aluno grafou LUVÉ, passarinho - PASSARIO, flor escreveu CDR, sol - COL, casa foi escrita com Z.

Análise - As letras que o aluno emprega para escrever são utilizadas de acordo com o valor sonoro convencional. Há trocas de sons próximos nas palavras mas todos os sons são grafados. Esse aluno emprega estratégias de escrita silábico-alfabética.

MAI - As duas palavras que o aluno escreveu foram casa e ônibus. Casa, ele escreveu de maneira convencional, para ônibus escreveu ONOU. Como casa é uma palavra que sempre a escola ensina, não considera-se relevante analisá-la.

Análise - O aluno emprega letras que possuem alguma correspondência sonora entre grafias e sons. Isso demonstra que está



despertando para os sons das palavras. Pode-se supor que nesse momento utiliza estratégias de escrita silábica.

WA - O aluno desenhou uma casa, árvores e nuvens. Para a palavra casa escreveu CACA, árvore grafou AREA e nuvem - OSU.

Análise - Em algumas palavras o aluno utiliza letras onde há correspondência sonora entre grafias e sons como nas palavras árvore e casa. Isso demonstra que está começando a perceber os sons das palavras. Porém nas escritas da palavra nuvem, não há nenhuma correspondência sonora ou gráfica o que leva a supor a utilização de estratégias pré-silábicas.

AND - Desenhou uma pista de pouso e um avião. Para escrever a palavra pista ele usou várias letras arbitrariamente, para avião, escreveu AU.

Análise - O aluno utiliza letras arbitrariamente (quaisquer letras) para escrever as palavras. Variou a quantidade de letras, mas não há nenhuma correspondência sonora entre as grafias e sons. A estratégia de escrita que o aluno emprega é pré-silábica.

RE - O aluno desenhou casa, árvore, nuvem e sol. Para a palavra casa ele escreveu ADR, para árvore usou as letras ARTO, nuvem RTO e sol ORAT.

Análise - O aluno usou letras de seu nome para escrever as palavras. Essas letras usadas arbitrariamente demonstram que não há nenhuma correspondência sonora entre grafias e sons. O aluno fez controle de quantidade de letras, nunca usou menos que três, fez uso das mesmas letras mas variou a posição delas nas palavras. Isso demonstra que usa estratégias de escrita pré-silábica.

WIL - O seu desenho possui muitos detalhes. Escreveu na norma padrão duas palavras: gato e lua. Para a palavra casa o aluno escreveu CAXA, FOI para flor, ARVE - árvore, ACUIR - arco-íris, LUVE - nuvem, IRLA - estrela, COSOMELO para cogumelo.

Análise - O aluno emprega para escrever letras que estão de acordo com o valor sonoro convencional, grafando todos os sons das palavras. Porém, faz trocas de sons aproximados (z - x)(g - s)(l - m). Faz uso de estratégias de escrita silábico-alfabética.

OC - Desenhou e escreveu várias palavras: árvore, flor, arco-íris, nuvem, sol e casa. A palavra casa está escrita de forma convencional. Para as palavras nuvem escreveu LUVE, sol - SAU, arco-íris - AGISA, árvore - AVARE, flor - FAL.

Análise - A aluna usa letras para escrever onde associa o som com as letras convencionais. A quantidade de letras é regulada de acordo com o número de sílabas das palavras. A análise demonstra que emprega estratégias de escrita silábico-alfabética.

DE - O seu desenho não apresenta muitos detalhes. Para a palavra casa escreve CALA, árvore - AEI, UA para lua e AEO para sol.

Análise - O aluno usa letras para escrever. Em algumas palavras demonstra possuir alguma noção de sons, mas em outras não há nenhuma correspondência entre grafias e sons. Conclui-se que no momento, o aluno usa estratégias de escrita pré-silábica.

MA - Escreveu três palavras. Para sol escreveu ZAU, casa - CACE e para carro - CARD.

Análise - As letras que o aluno utiliza para escrever apresentam alguma correspondência sonora entre grafias e sons, o que demonstra que está começando a perceber os sons das palavras. Usa estratégias de escrita pré-silábica.

JO - O aluno desenhou casa, árvore, sol, nuvens e flor. Escreveu alfabeticamente as palavras árvore e casa. Para a palavra nuvem escreveu NUVER, flores - FRORS, sol - SAL.

Análise - Na sua escrita o aluno emprega letras de acordo com o som convencional. Porém faz trocas de sons próximos e omite algumas letras como em flores - FRORS, em sol - SAL e nuvem - NUVER. A

análise dessas escritas demonstra que o aluno emprega estratégias de escrita silábico-alfabética.

WI - O aluno fez um desenho onde aparece casa, sol e um foguete espacial. Escreveu a palavra casa de maneira convencional, sol foi escrita SOU, foguetes FOGETES.

Análise - As letras que o aluno utiliza para escrever estão de acordo com o som convencional. Todos os sons são grafados, porém há omissão de letras como na palavra foguetes onde omite a letra U. Conclui-se que utiliza na sua escrita estratégias silábico-alfabética.

JOA - Desenhou um avião e escreveu AVIRA. Seu desenho é único e ocupa a folha toda, razão porque ele só escreveu esta palavra.

Análise - As letras que o aluno utiliza para escrever possuem alguma correspondência com o som convencional. A estratégia que o aluno emprega é a da escrita silábica.

AD - Escreveu as palavras casa, papai e mamãe. Como as palavras papai e mamãe são bastante trabalhadas na escola, não as consideraremos para análise. Para árvore, a aluna escreveu ARAR.

Análise - Nas letras que utiliza existe alguma correspondência sonora entre grafia e sons, no início da palavra. A estratégia de escrita que utiliza é a pré-silábica.

ANÁLISE GERAL - Nesse primeiro diagnóstico observou-se que os alunos têm, no momento, uma compreensão diferenciada sobre a escrita. Alguns só escreveram após muita insistência de minha parte, demonstrando insegurança e medo de errar.

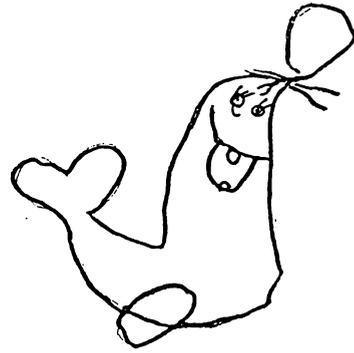
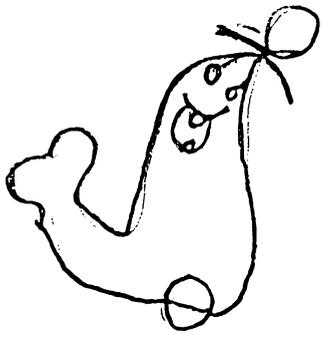


244192

A foga bricava /
uma foga e
otra foga brava

fili

Uma aqui e otra foga aqui



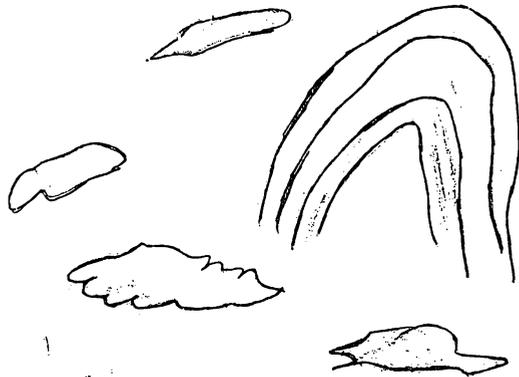
o



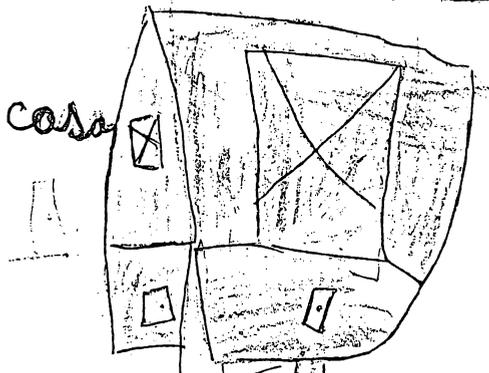
lunol



nan



agisa



cosa



fifi

avare



fal



DIAGNÓSTICO 1.

**ANÁLISE REALIZADA APÓS DOIS MESES DE AULA,
EM ABRIL**

AN - Continua usando estratégias de escrita silábico-alfabética, mas tenta escrever textos e demonstra avanços no nível em que se encontra.

DI - No início de março já escrevia pequenos textos alfabeticamente. Ele passou a frequentar outra classe, pois já estava alfabetizado.

JU - O aluno evoluiu bastante. No momento usa estratégias de escrita alfabética, embora haja omissão e trocas de letras na sua escrita.

MAI - Nesse momento o aluno emprega estratégias de escrita silábico-alfabética, portanto já demonstra evolução na sua escrita. As letras que utiliza estão de acordo com o som convencional ou se aproximam dele.

AND - Demonstra ter evoluído; percebe os sons das palavras e usa as letras associando às mesmas aos sons correspondentes. A sua estratégia de escrita nesse momento é silábica.

WIL - Continua usando estratégias de escrita silábico-alfabética, mas não escreve só as palavras, passou a escrever pequenos textos.

OC - Continua usando estratégias de escrita silábico-alfabética, porém fazendo tentativas para estruturar frases o que evidencia progresso.

MA - Nesse diagnóstico o aluno demonstra que progrediu passando a utilizar estratégias de escrita silábica.

JO - Nesse momento o aluno demonstra nas suas produções que já domina o código da escrita. Não escreve só palavras, mas sim pequenos textos usando estratégias de escrita alfabética.

WI - Continua usando na sua escrita estratégias silábico-alfabética mas demonstra avanços dentro desse nível pois passou a escrever pequenos textos e não só palavras.

JOA - A análise do aluno foi realizada sobre um desenho e escrita espontânea. Emprega estratégias de escrita silábica, demonstrando avanços dentro desse nível passando a escrever frases.

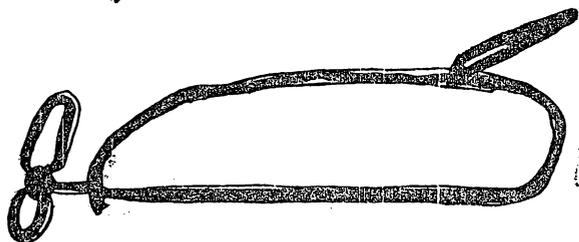
Os demais alunos durante esse período não fizeram tentativas de escrita.

ANÁLISE GERAL - Nesses dois meses de aula alguns alunos não fizeram tentativas de escrita.

A produção escrita dos demais demonstra uma melhora significativa. A minha preocupação maior durante esse tempo foi fazer com que cada aluno acreditasse que era capaz de ler e escrever.

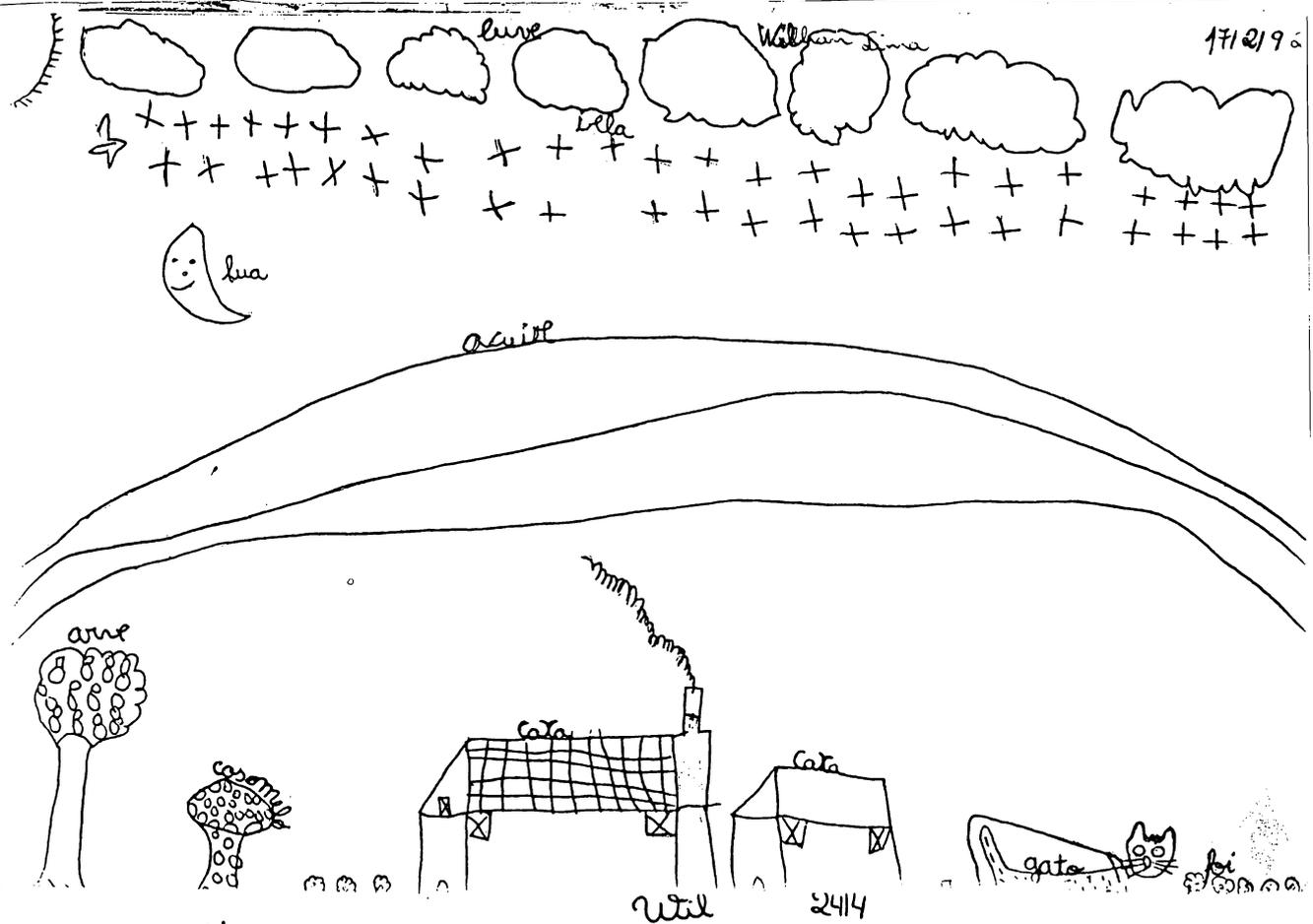
10/3/92

A BOCA DO SAPO

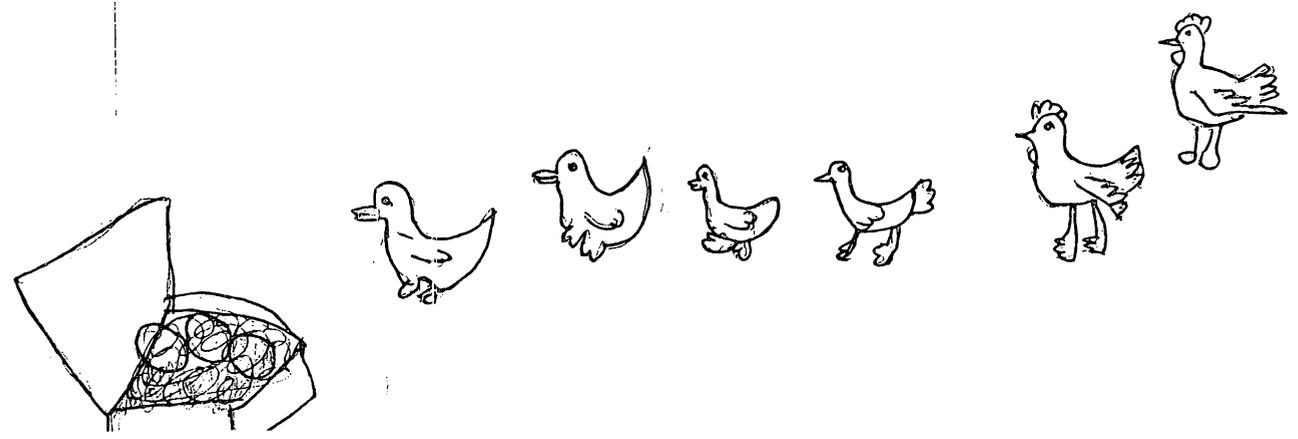


O urubiu o sapo vai ter uma festa no seu vai ter comida jogo e baile e bebida mais quem tem boca grande não entra no cidade do jacaré

DIAGNÓSTICO 2.



a mãe é meu pai
 ele ficou e eu fiquei e o patinho feio
 o patinho feio deu ele se acordou
 e viu a mãe e viu o pai



DIAGNÓSTICO 2.

**ANÁLISE REALIZADA NA SEGUNDA QUINZENA DO MÊS
DE MAIO**

AN - Nesse momento a aluna demonstra que já domina o código da escrita, estrutura pequenos textos usando estratégias de escrita alfabética.

JU - Continua melhorando sua escrita tentando estruturar um texto.

MAI - Nessa análise o aluno emprega estratégias de escrita alfabética, o que demonstra o domínio do código da escrita.

AND - Usa estratégias de escrita silábico-alfabética com predomínio do valor sonoro convencional. Constrói texto bem estruturado na escrita, com separação de frases.

WIL - Continua progredindo; constrói pequenos textos usando estratégias de escrita silábico-alfabética.

OC - Faz tentativas para escrever frases, empregando letras de acordo com o valor sonoro convencional. A estratégia de escrita que utiliza é a silábico-alfabética.

MA - Utiliza estratégias de escrita silábica associando o som com a letra convencional, fazendo tentativas para estruturar frases.

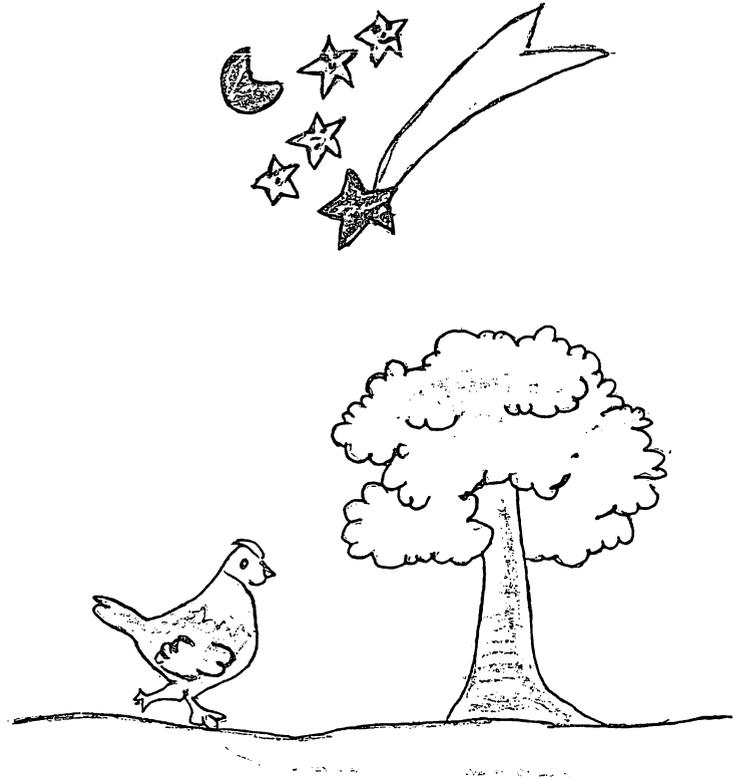
JO - O aluno melhorou sua escrita, produz pequenos textos procurando vencer problemas de ortografia. Passou a frequentar outra classe de 2ª série.

WI - No momento o aluno usa estratégias de escrita alfabética, demonstrando que já domina o código de escrita e estrutura frases, tentando escrever textos.

JDA - Continua usando estratégias de escrita silábica, associando as letras ao som convencional.

Nome: Joe : Dia 26/5/92 ♥

A galinha foi Para a árvore dormir
A galinha teve um sonho terrível.
que a sua mãe morreu mas não morreu

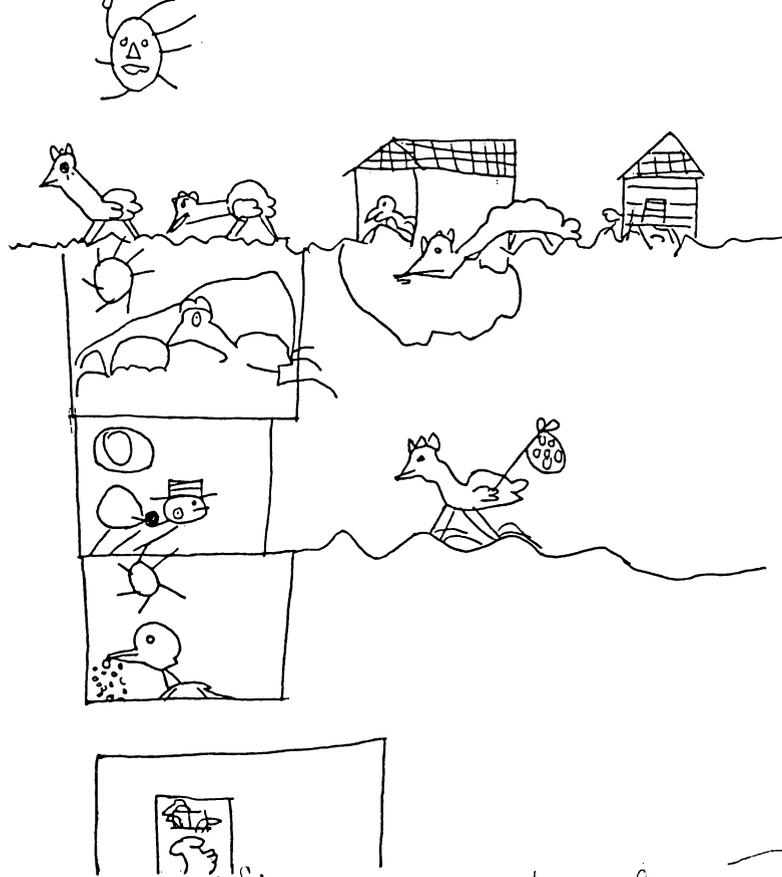


DIAGNÓSTICO 3.

Os demais alunos não fizeram tentativas de escrita.

ANÁLISE GERAL - Nesse momento o resultado do trabalho com textos literários aparece de maneira mais intensa, pois os alunos passaram a fazer tentativas para estruturar frases.

As galinhas - Nome - An Dia 26/5k.



galinha
 uma a a fogo. duas
 galinha
 forbada. uma foramida
 pé lobo. a u mi galinha
 é lá foipa aula!

DIAGNÓSTICO 3.

ANÁLISE REALIZADA NO FINAL DO MÊS DE JUNHO

AN - Continua melhorando. Escreve pequenos textos com grafias de palavras próximas do convencional. Nesse momento passou a frequentar outra classe de 2ª série.

JU - Tenta estruturar textos e faz auto-correção de sua escrita.

MAI - Continua fazendo progressos, já produz pequenos textos, procurando vencer os problemas da escrita ortográfica.

AND - Nesse momento demonstra que já domina o código de escrita usando estratégias de escrita alfabética. Escreve pequenos textos com frases bem estruturadas.

WIL - Utiliza estratégias de escrita silábico-alfabética aproximando-se do domínio do código escrito. Faz tentativas para estruturar pequenos textos.

OC - Usa estratégias de escrita silábico-alfabética aproximando-se do domínio do código escrito. Estrutura frases e faz tentativas para escrever textos.

MA - Continua usando estratégias de escrita silábica; faz tentativas para escrever pequenos textos.

WI - Continua progredindo, faz auto-correção de suas produções, procurando vencer os problemas da escrita ortográfica.

JOA - Demonstrou progresso pois passou a utilizar estratégias de escrita silábico-alfabética e faz tentativas para estruturar textos.

WA - O aluno negava-se a escrever. Só escreveu algumas palavras no desenho que fez no primeiro dia de aula. No presente momento utiliza estratégias de escrita alfabética, tentando estruturar pequenos textos.

DE - O aluno fazia tentativas de escrita. Nesse momento usa estratégias de escrita silábico-alfabética, produzindo frases interligadas tentando estruturar textos.

AD - Foi muito difícil fazer com que essa aluna tentasse escrever. Devido a sua insegurança só o fazia com ajuda. Perguntava que letra ia usar, tendo dúvidas quanto à correspondência entre grafias e sons convencionais. Analisando as suas escritas espontâneas pode-se supor que no momento utiliza estratégias de escrita silábica.

ANÁLISE GERAL - No momento dessa análise, três alunos que antes não tentavam escrever sozinhos passaram a fazê-lo.

A análise da produção dos demais alunos demonstrou que todos evoluíram; muitos passaram da escrita de palavras para a estruturação de frases e pequenos textos.



Um

um dia a pata ^{colou o ovo.}
 o ovo se partiu e saiu um
 patinho.

Nome: Ju Dia: 26/6/92

Eu a rei uma lata
 de moeda

oi dona barata

oi doto Eu fui no
 espejo



DIAGNÓSTICO 4.

DIAGNÓSTICO FINAL

No dia 27 de julho, após o período de férias, os alunos foram submetidos a um novo diagnóstico para se saber a situação em que se encontravam no presente momento em termos de compreensão da escrita.

Procedimentos: Foi proposto de cada aluno desenhasse em uma folha alguma coisa sobre as suas férias. Depois disso deveriam escrever sobre o que desenharam. Os resultados obtidos pelos alunos está sendo analisado a seguir:

JU - Escreveu várias frases sobre as férias: EU PASEI NA IGREJA. EU PASEI NA MINA CASA. EU PASEI NO CURITIBA. EU PASEI NA CASA DA MINA VOVÓ. Nas palavras passiei que ela grafa como PASEI, há correspondência sonora de acordo com a letra convencional. Na palavra minha há ausência da letra H.

Análise - O aluno usa estratégias de escrita alfabética, predominando os valores sonoros convencionais e mostra compreensão do funcionamento do sistema de escrita. Na construção de suas frases, faz uso da sua aprendizagem anterior não interligando-as.

MAI - Escreveu: EU NA MINHA CASA EU BICAVA NO MEU QUINTAL EU BICAVA DE CARINHO E MINHA IRMÃ BICAVA DE BONECA E DE CAZINHA. O aluno escreveu BICAVA para brincava, CARINHO para carrinho. As outras palavras estão escritas alfabeticamente.

Análise - Nas palavras que o aluno escreveu há correspondência entre fonemas e grafemas, porém há ausência de letras como na palavra brincava e carrinho. Emprega estratégias de escrita alfabética, tentando superar falhas na utilização das letras de acordo com o valor sonoro convencional.

AND - Fez um desenho com muitos detalhes. Desenhou o porão de sua casa; ele contou que esse é o lugar onde brincou nas férias. Escreveu uma frase: A MUTO TEMPO EU IA PARA MALINA EU BRICAVA, o que corresponde: Há muito tempo eu ia para malina, eu brincava. Não entendi o que significa malina e ele explicou que é um lugar no porão.

Na palavra muito, há ausência do I, ele escreveu MUTO; para brincava escreveu BRICAVA. Há falta da letra N, indicando a nasalização.

Análise - O aluno demonstra compreensão do sistema de escrita, usando estratégias de escrita alfabética. Consegue estruturar frases, fazendo auto-correção de sua escrita.

WIL - Escreveu juntando as palavras: EUSAIUDANINLACASA E FUININLABALANSA, eu sai da minha casa e fui na minha balança. O aluno escreveu de maneira convencional as palavras, eu, casa, fui. Balança escreveu com S, guiando-se pelo som.

Análise - O aluno demonstra ter evoluído na sua escrita, passando a usar estratégias de escrita alfabética.

Nas palavras que escreve há predominância de valores sonoros convencionais, porém há troca de letras como na palavra minha. Faz tentativa de estruturação de texto.

OC - Além de escrever o nome de várias coisas que desenhou, ainda escreveu algumas frases. As palavras: flor, árvore, Juninho, casa, mar, pipa, foram escritas de maneira convencional. Há trocas de letras nas palavras menino - NENINO e nuvem - LUVE. Na palavra borboleta, há omissão de letras: BOLETA. Na palavra arco-íris, como nas demais, a escrita se aproxima do valor sonoro convencional: AQUIES.

Análise - Continua usando estratégias de escrita silábico-alfabética, com predomínio do valor sonoro convencional. Faz tentativas para estruturar textos.

MA - Desenhou o interior de uma casa, pessoas à volta de uma mesa tomando café. Ele escreveu: Eu fui viajar com o pai para Lages, estava muito frio. EU FUI VIAJEI CO PAI PALALI TAUTOIO.

Análise - Quando o aluno escreveu: Eu fui viajei com o pai, o fez usando estratégias de escrita alfabética, embora juntasse as palavras. PALALI TAUTOIO: Para Lages tava muito frio. Aqui o aluno

usa estratégias de escrita silábico-alfabética, fazendo correspondência entre quantidade de grafias na escrita e de sílabas nas palavras. As letras que emprega são utilizadas de acordo com o som convencional.

WI - Escreveu: A minha mãe lavava a louça e eu ficava brincando. Para louça escreveu LASA.

Análise - Usa estratégias de escrita alfabética, demonstrando compreensão do funcionamento do sistema de escrita. Faz tentativas para estruturar textos.

JOA - No seu desenho o aluno escreveu: Ônibus, ponto e fogueira. Para ponto, escreveu POUTO, Ônibus - ONIBOS e fogueira - FOEARA.

Análise - Utiliza letras de acordo com o som convencional, grafando todos os sons das palavras. A estratégia de escrita que utiliza é a silábica-alfabética. O seu desenho representa situações reais e escreve palavra-frase.

WA - O aluno desenhou a viagem que fez de caminhão com seu pai. Ele escreveu: A CHUVA CAIU O CAMINHO EUVIAGEI COMEU PAI. Escreve a palavra viajei com G, pois se orienta pelo som.

Análise - No momento, as estratégias de escrita que utiliza é a alfabética, havendo correspondência entre grafias e os valores sonoros convencionais. Faz tentativa para estruturar textos.

DE - O aluno escreveu: EUS UBI NA AVOÉ o que corresponde a frase: Eu subi na árvore.

Análise - No momento o aluno continua usando estratégias de escrita silábico-alfabética. As letras que usa estão de acordo com o valor sonoro convencional.

AD - Desenhou casa, prédio, árvore e flores. A palavra casa está escrita de maneira convencional. Para flor escreveu FILIA e árvore AVA. Nessas duas palavras, a correspondência sonora se faz presente na primeira letra.

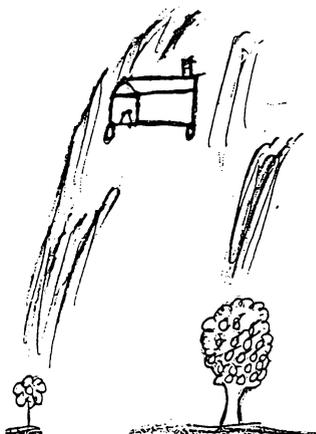
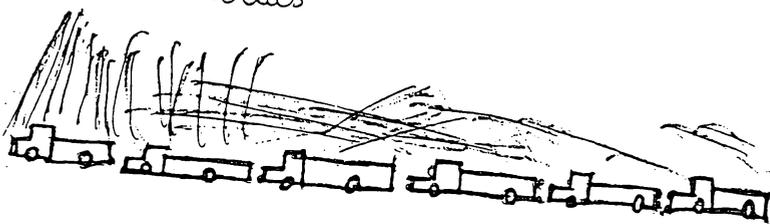
Análise - Utiliza estratégias de escrita silábica. As dúvidas quanto à correspondência entre grafias e sons convencionais começa a ser vencida. No momento, a aluna está mais segura utilizando a escrita com mais frequência.

ANÁLISE GERAL - Nessa última análise o procedimento utilizado para o diagnóstico da escrita, não permitiu aos alunos a estruturação de um texto. Nos diagnósticos anteriores a estratégia adotada, reprodução de texto mediante o uso da literatura infantil, possibilitou que os alunos fizessem uso de um modelo de linguagem escrita.

Sem um referencial de linguagem para produzirem sua escrita, muitos alunos que já estavam estruturando textos, nesse último diagnóstico só escreveram palavras, o que pode parecer uma regressão no processo do desenvolvimento da escrita.

Va

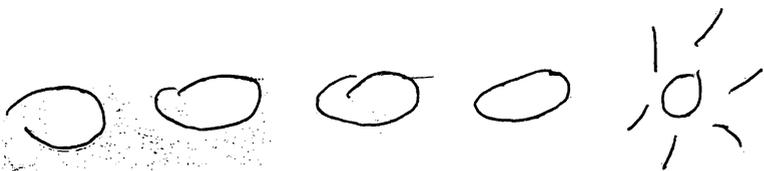
Dia: 27 julho de 1992 As Férias



A chuva caiu O aminho eu viajei co. meu pai

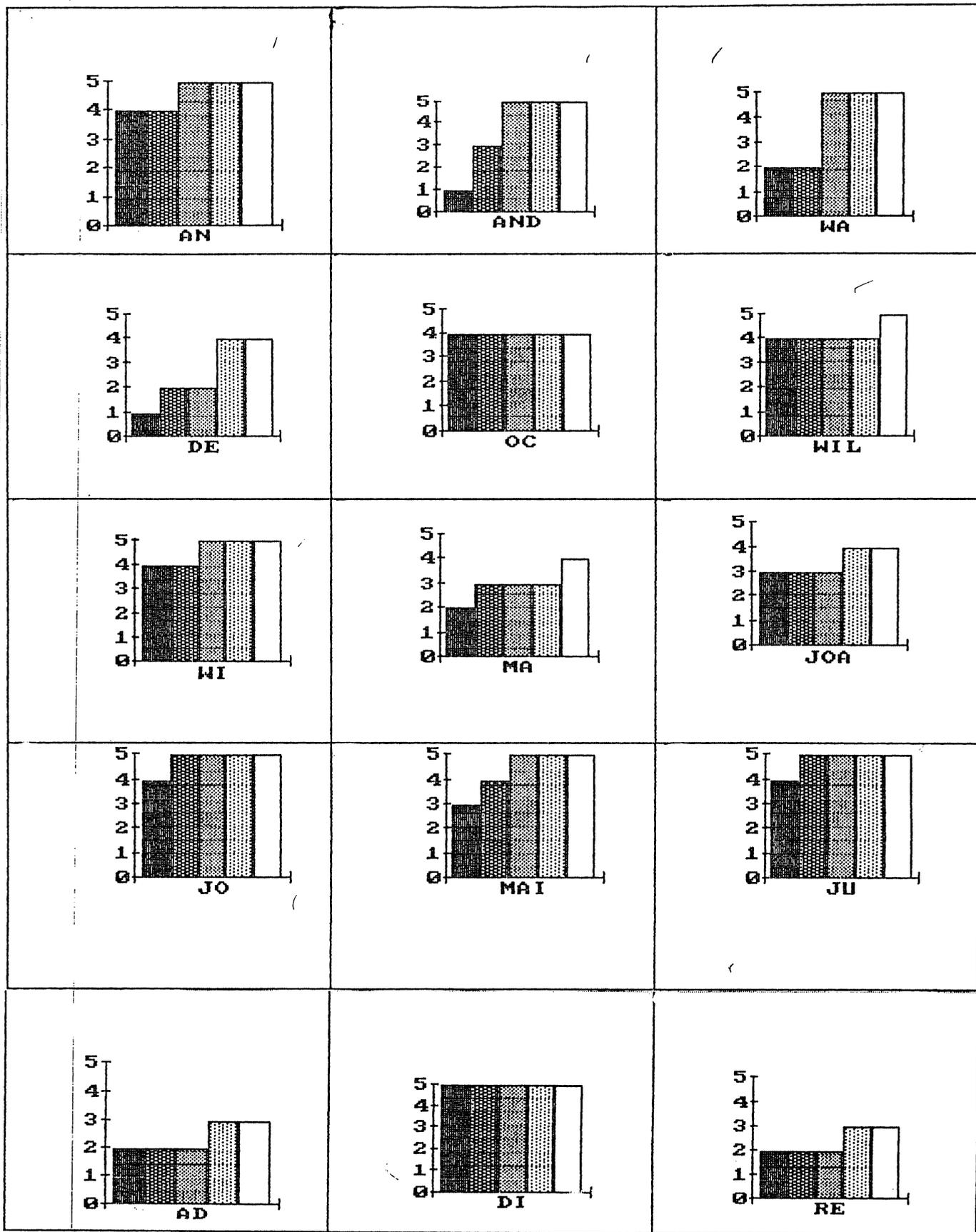
Mai

eu na minha casa eu bicava no meu quintal
eu bicava de carinho e minha irmã bicava de boneca
e de cozinha



DIAGNÓSTICO FINAL

REPRESENTAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA



LEGENDA

- FEVREIRO
- ▒ ABRIL
- ▓ MAIO
- ░ JUNHO
- JULHO

- 1 - PRÉ -SILÁBICO
- 2 - PRÉ-SILÁBICO AVANÇADO
- 3 - SILÁBICO
- 4 - SILÁBICO ALFABÉTICO
- 5 - ALFABÉTICO

CAPÍTULO IV

SUGESTÕES DE ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Atividades em Literatura Infantil

Desde o primeiro dia de aula me propus a ler muitas histórias para os alunos. Os livros de literatura sempre ficavam à disposição dos alunos para que pudessem vê-los, manuseá-los e para que provocassem interesse.

Para despertar o gosto e familiarizá-los com os livros, adotei como estratégia de trabalho, inicialmente a leitura de histórias. Só mais tarde é que após ouvirem as histórias os alunos faziam o desenho.

- Leitura de histórias - quase que diariamente fazia a leitura de livros de histórias.
- Leitura de histórias e desenho - depois da leitura da história, os alunos desenhavam.
- Ilustração de histórias - após a leitura os alunos ilustravam o texto.
- Escrita - mais tarde, assim que os alunos sentiram maior segurança, depois do desenho, começaram a escrever pequenos textos relacionados às histórias trabalhadas.

Os livros de literatura foram escolhidos entre os existentes na Escola. Em cada busca ia encontrando livros interessantes que fui selecionando para serem trabalhados.

As atividades propostas precisavam ser bem dosadas, pois não podia exigir demais dos alunos porque eles estavam desmotivados. A auto-estima e a confiança em si mesmos necessitava ser resgatada; esse foi um trabalho árduo e lento.

Histórias

O livro de histórias infantis apresenta-se como leitura significativa pois a atração que exerce sobre a criança permite ao professor explorá-lo como motivação para que o aluno sinta vontade e interesse em ler e escrever.

As histórias trazem consigo um mundo imaginário, mediante o qual permite-se "trabalhar" as emoções e sentimentos onde aflora-se a sensibilidade o que permite o despertar da criança para o mundo dos livros.

DONA PATA

Essa historinha foi escolhida como uma das primeiras atividades de ilustração de texto, com o objetivo de motivar os alunos à leitura e ao desenho. Não foi encontrada em livro mas em uma apostila da qual desconheço a origem.

Procedimentos

Leitura:

Fiz a leitura para os alunos; depois alguns reproduziram a história oralmente.

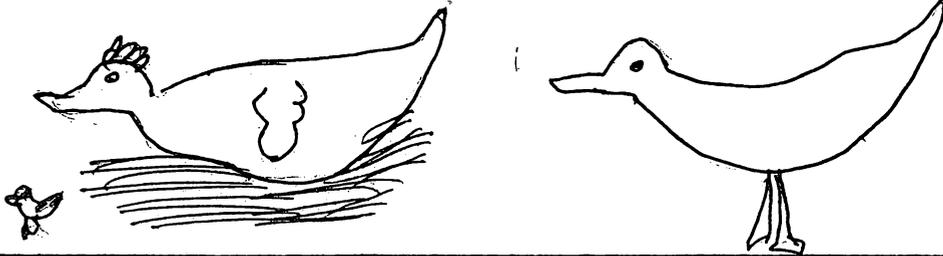
Ilustração da história:

Cada criança recebeu uma folha onde a história vem escrita em partes. Eles fizeram a ilustração de cada uma das partes. Primeiro eles acompanharam a leitura que eu ia fazendo depois desenharam. A medida que lia ia chamando atenção para as palavras que alguns já conheciam.

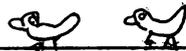
Nem todos os alunos participaram da atividade, pois se recusavam a desenhar.

DONA PATA E DONA GALINHA
VIVIAM JUNTAS A BRINCAR.

João



DONA PATA TINHA UM FILHO CHAMADO JANJÃO
QUIQUI ERA FILHO DE DONA GALINHA.

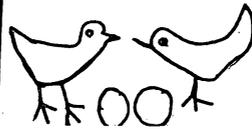
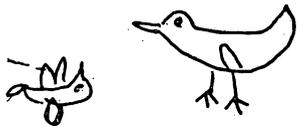


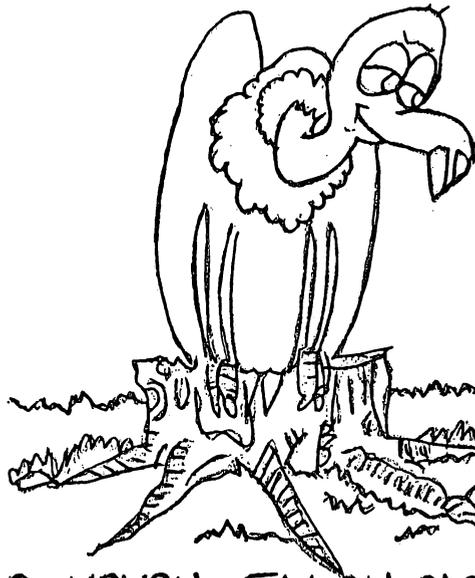
JANJÃO E QUIQUI FORAM NO LAGO NADAR.
SOCORRO! SOCORRO! GRITOU QUIQUI.



DONA PATA E DONA GALINHA
TIRARAM QUIQUI DA
ÁGUA QUASE MORTO!

DESDE ENTÃO, QUIQUI,
O PINTINHO NÃO NADA
MAIS, BRINCA NO CHÃO.





A BOCA DO SAPO
(Ziraldo)



O URUBU FALOU PARA O SAPO:

_VAI TER FESTA NO CÉU, SAPO.

O SAPO ABRIU O BOCÃO E FALOU:

_OBAAA !!

AÍ O URUBU DISSE:

_VAI TER COMIDA BOA.

E O SAPO FALOU:

_OBAAAAAAA !!

O URUBU DISSE:

_VAI TER BEBIDA, VAI TER BAILE.

O SAPO ABRIU MAIS O BOCÃO E FALOU:

_OBAAAAAAA !!!!!

_E, MAS QUEM TEM BOCÃO NÃO VAI ENTRAR.

AÍ, O SAPO FEZ UM BIQUINHO E FALOU:

_COITADO DO JACORE'...

A BOCA DO SAPO

A Boca do Sapo escrita por Ziraldo é uma versão da história "Festa no Céu".

Texto escrito em forma de diálogo, surpreende pela graça e bom humor e pela comunicabilidade com o leitor de qualquer idade.

Procedimentos

Leitura do texto:

Apresentação do fantoche:

Material usado e confecção - uma tampa de margarina, dobrada ao meio. Forra-se a tampa com papel vermelho por dentro, e por fora de verde.

Os olhos do sapo são feitos de caixa de ovo, pintado com tinta guachê verde. Os olhos são colocados na parte de cima. O sapo abre e fecha o bocão.

Durante a leitura, o fantoche foi abrindo e fechando a boca.

A história faz muito sucesso. Li a história três vezes. Depois alguns alunos fizeram a dramatização e puderam manejar o fantoche.

Confecção do sapo:

Os alunos confeccionaram o fantoche do sapo.

Desenho:

Cada aluno desenhou a história.

Ilustração da história:

Foi distribuída uma folha com a história escrita em partes para que os alunos fizessem a ilustração.

As palavras: sapo, urubú, bocão e outras foram escolhidas para atividades de sistematização de leitura.

O fantoche do sapo e a historinha fizeram o maior sucesso. As crianças ficaram atentas, participaram, pediram para repetir a história.

Um dos alunos, uma criança tímida que não demonstrava interesse em aprender a ler, nesse dia participou da aula.

O sapo e seu bocão mexeram com essa criança. Ele chegou em casa, contou a história para a avó, sonhou com os personagens da historinha. Aos poucos essa criança foi mudando, passou a ter interesse nas atividades realizadas em sala.

A BOCA DO SAPO

10-3

O sapo falava oia urubufabu saps vate uma festa no cu

O sapo falava oia

saps Eaida vate leite e mumaia bebida

O sapo fala oia

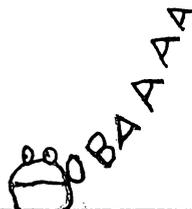
mais quem tem abogrende não entra
Cidade do jacaré

A BOCA DO SAPO

Max 1813

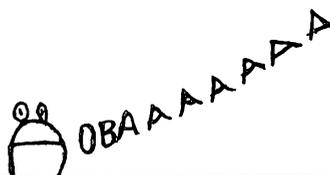
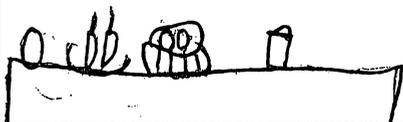
O URUBU FALOU PARA O SAPO:
-VAI TER FESTA NO CÉU, SAPO

O SAPO ABRIU O BOCÃO E
FALOU:
- OBAAAA!!



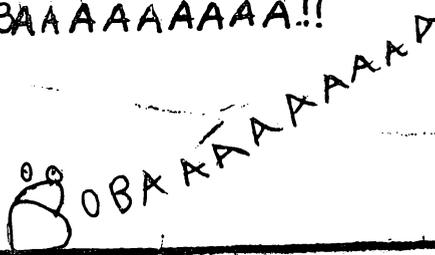
AÍ O URUBU DISSE:
-VAI TER COMIDA BOA.

E O SAPO FALOU:
-OBAAAAAAA!!



O URUBU DISSE:
-VAI TER BEBIDA, VAI TER
BAILE.

O SAPO ABRIU MAIS O
BOCÃO E FALOU:
-OBAAAAAAA!!



É MAS QUEM TEM BOCÃO NÃO VAI ENTRAR. AÍ, O SAPO FEZ
UM BIQUINO E FALOU: COITADO DO JACARÉ!



O PATINHO FEIO

A escolha da história "O PATINHO FEIO" foi motivada pela ida dos alunos ao teatro para assistir duas peças infantis: O Gato de Botas e o Patinho Feio.

No dia seguinte após os alunos terem assistido às peças, conversei com eles para saber da qual história eles mais gostaram. O Patinho Feio foi a escolhida. As crianças puderam falar sobre o teatro, contaram a história para os que não tinham assistido à peça e depois desenharam.

Procedimentos

Reprodução oral: da história pelos alunos.

Desenho: cada aluno escolheu uma parte da história para desenhar.

Reprodução escrita do clássico O Patinho Feio: escrevi parte da história em papel manilha para que os alunos em grupos, a ilustrassem. A história foi exposta no mural da sala, onde permaneceu por vários dias.

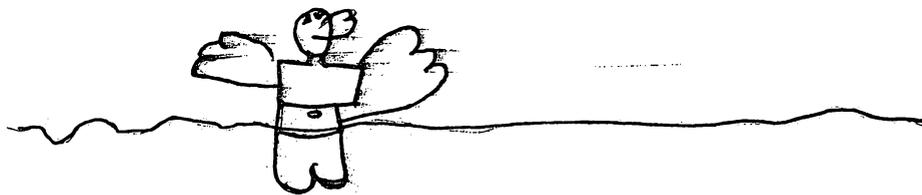
Leitura: a história do mural foi lida por mim, diversas vezes, acompanhada pelos alunos que reconheciam algumas palavras.

Confeção de um livreto: mais tarde transpus a história do mural em folhas, para que os alunos a ilustrassem

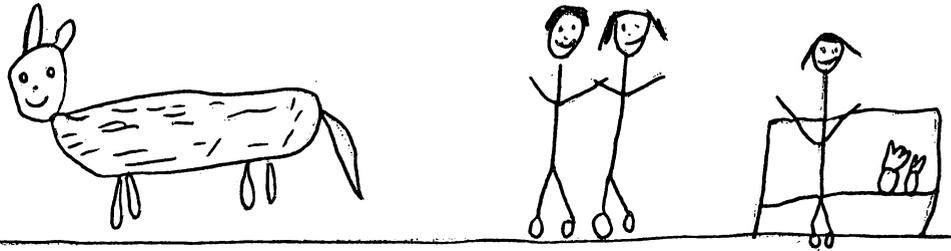
Todas essas atividades foram acompanhadas com muito interesse e a participação dos alunos foi muito grande.

Um dos alunos, passou a se interessar pela leitura no mural. Ele olhou com interesse a medida que eu fazia a leitura e mostrava as palavras. Seu desempenho na leitura começou a melhorar e passou a fazer tentativas de escrita, pois antes se recusava a escrever. Durante a ilustração feita em grupos, começou uma interação maior entre os alunos, pois até então não conseguiam trabalhar juntos. A orientadora da escola, foi convidada para ver o mural, o que os incentivou muito.

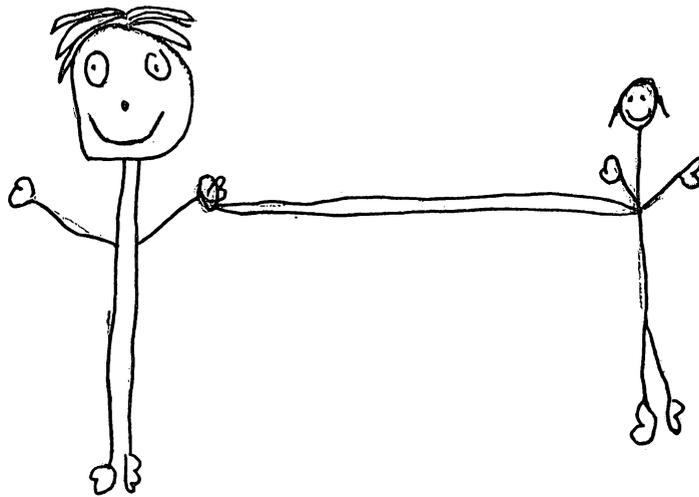
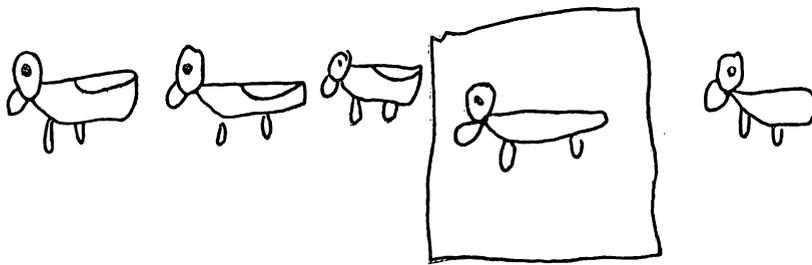
O Patinho Feio foi Para o lago e
O Patinho Feio não queria nadar então
O urubu foi nadar



dia: 24 de abril de 1992 Max
O Gato de Botas



O Patinho Feio



X O PINTINHO DO VIZINHO

Todas as crianças conhecem a musiquinha:

" A galinha do vizinho
Bota ovo amarelinho
Bota um,
Bota dois. "

Estes versos fazem parte da historinha "O PINTINHO DO VIZINHO", que escolhi para ler para os meus alunos.

O objetivo da escolha, não foi somente pelo enredo da história que prende a atenção pelo desenrolar dos acontecimentos. Foi também, pelo estilo de escrever do autor que brinca com as palavras nas rimas que aparecem no texto.

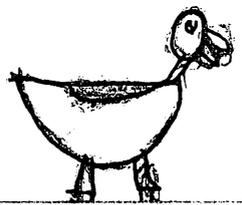
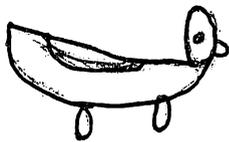
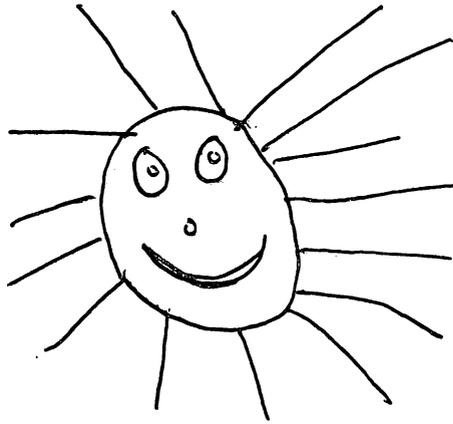
Procedimentos

Leitura: reuni os alunos à minha volta e fui lendo e mostrando as ilustrações. Terminada a leitura, conversei com os alunos, fomos falando, perguntando, respostas se alternando com perguntas. Pude perceber que apesar do texto ser longo, consegui prender a atenção das crianças e elas entenderam a história.

Desenho: sugeri que os alunos escolhessem uma parte da história para desenhar e que escrevessem também.

Nasc Dia 11/5/92

O Pintinho do Vizinho



ONDE ESTÁ A MAMÃE

Esse livro foi escolhido por conter numa linguagem acessível às crianças, um enredo terno e comovente, com belas ilustrações.

Procedimentos

Leitura: as crianças foram reunidas em círculo, sentadas no chão para escutar à leitura da história. Ao mesmo tempo que liam, as crianças iam vendo a ilustração, pois o livro contém figuras vistosas que chamam a atenção.

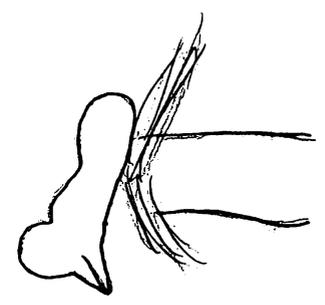
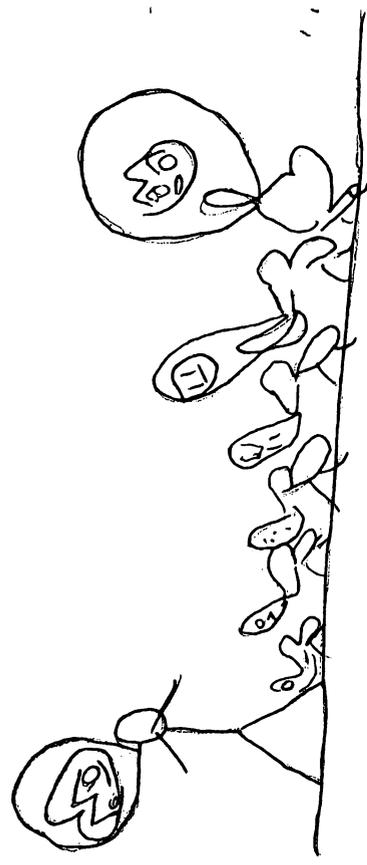
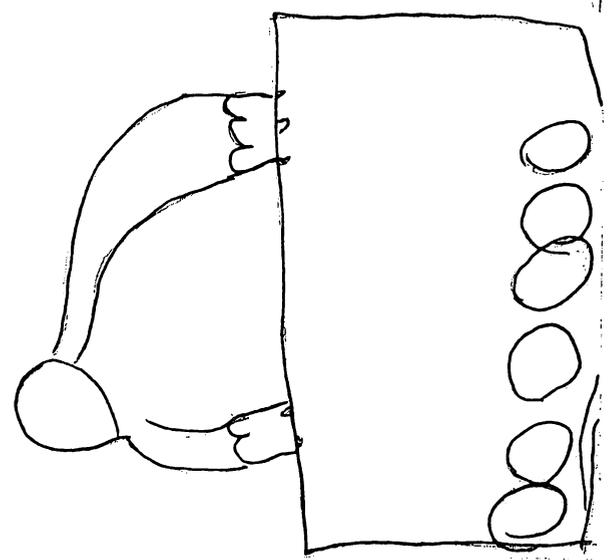
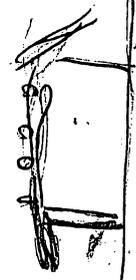
Reprodução oral: os alunos falaram, comentaram, pegaram o livro para ver, examinaram as figuras.

Desenho: em folhas os alunos fizeram o desenho de partes da história. Alguns escreveram. Essa história serviu de motivação por vários dias em atividades de leitura. Durante a leitura do livro os alunos ficaram atentos, em expectativa porque os patinhos não encontram sua mãe. Todos vibraram com o final da história. Nesse dia, um dos alunos, depois de desenhar, começou a escrever pela primeira vez. A iniciativa desse aluno em escrever sozinho foi parte de um processo lento e penoso para ele, pois sentia-se desmotivado depois de dois anos de escolaridade.



O papai levou os ovos para casa André

os patinhos perderam a mãe e choraram muito.



ACONTECEU COM A MARGARIDA

Esse é um texto diferente onde os desenhos fazem parte da leitura.

Procedimentos

Apresentação do livro: comecei apresentando o livro e chamando a atenção dos alunos para a ilustração.

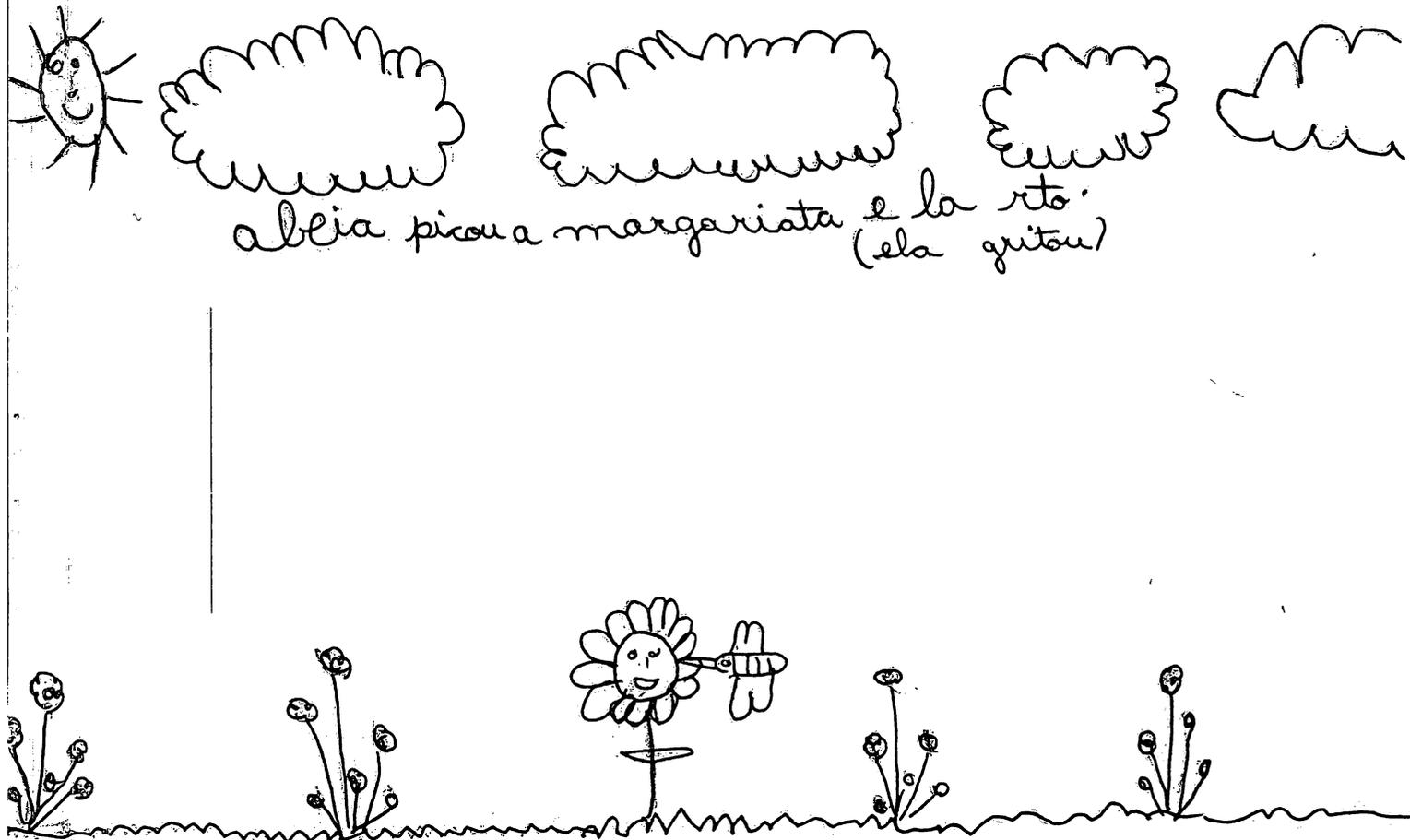
Leitura: enquanto lia, fui mostrando a ilustração, e também as palavras que se repetiam. Fiz a leitura novamente e depois os alunos pegaram o livro para ver.

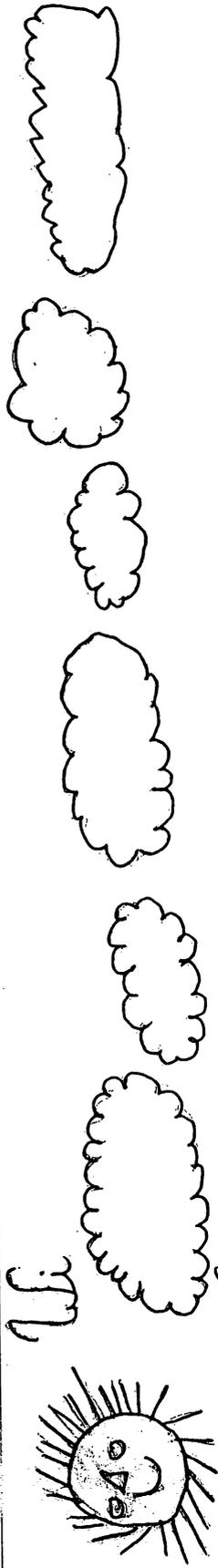
Desenho: os alunos desenharam a história; cada um escolheu a parte que mais gostou.

Ilustração: alguns dias após a leitura do livro, os alunos ilustraram o texto, em grupos. As figuras que fazem parte do texto foram pintadas, recortadas e coladas. Algumas palavras que os alunos ainda não conheciam foram incluídas no vocabulário usada sala de aula, para estudo.

Nil

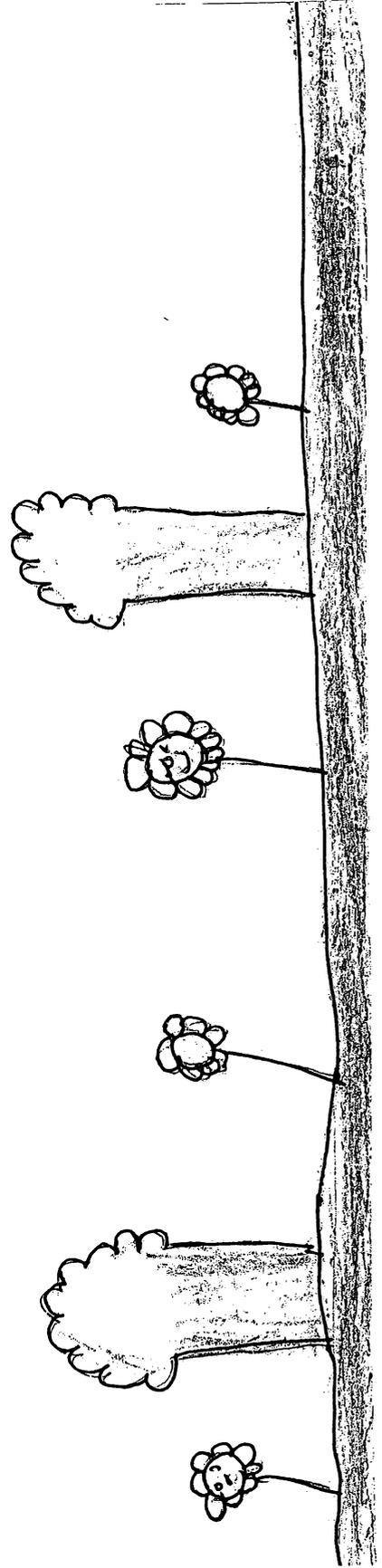
Aconteceu com a
margarida





Li
 Acordou com a
 margarida

A margarida ela não pensou em dormir.



CHUVA!

Esse livro foi escolhido por abordar o tema "chuva" numa linguagem poética.

No dia que li esse livro para as crianças, chovia torrencialmente. Foram vários dias de chuva intensa. Por esse motivo, começou haver inundações em várias regiões do Paraná. Esse fato, motivou nos dias seguintes a exploração de notícias de jornais sobre as inundações.

Procedimentos

Apresentação do livro e leitura: fiz a leitura do livro, mostrando as ilustrações. Os alunos acompanharam atentamente; adoraram o livro, pretaram atenção nos detalhes das ilustrações e pediram para que eu repetisse a leitura.

Desenho: em seguida, distribuí folhas para que os alunos desenassem. Cada um deles escolheu o que queria desenhar. Alguns desenharam e também escreveram. Um dos alunos escreveu pela primeira vez, até o momento não fazia tentativas de escrita.

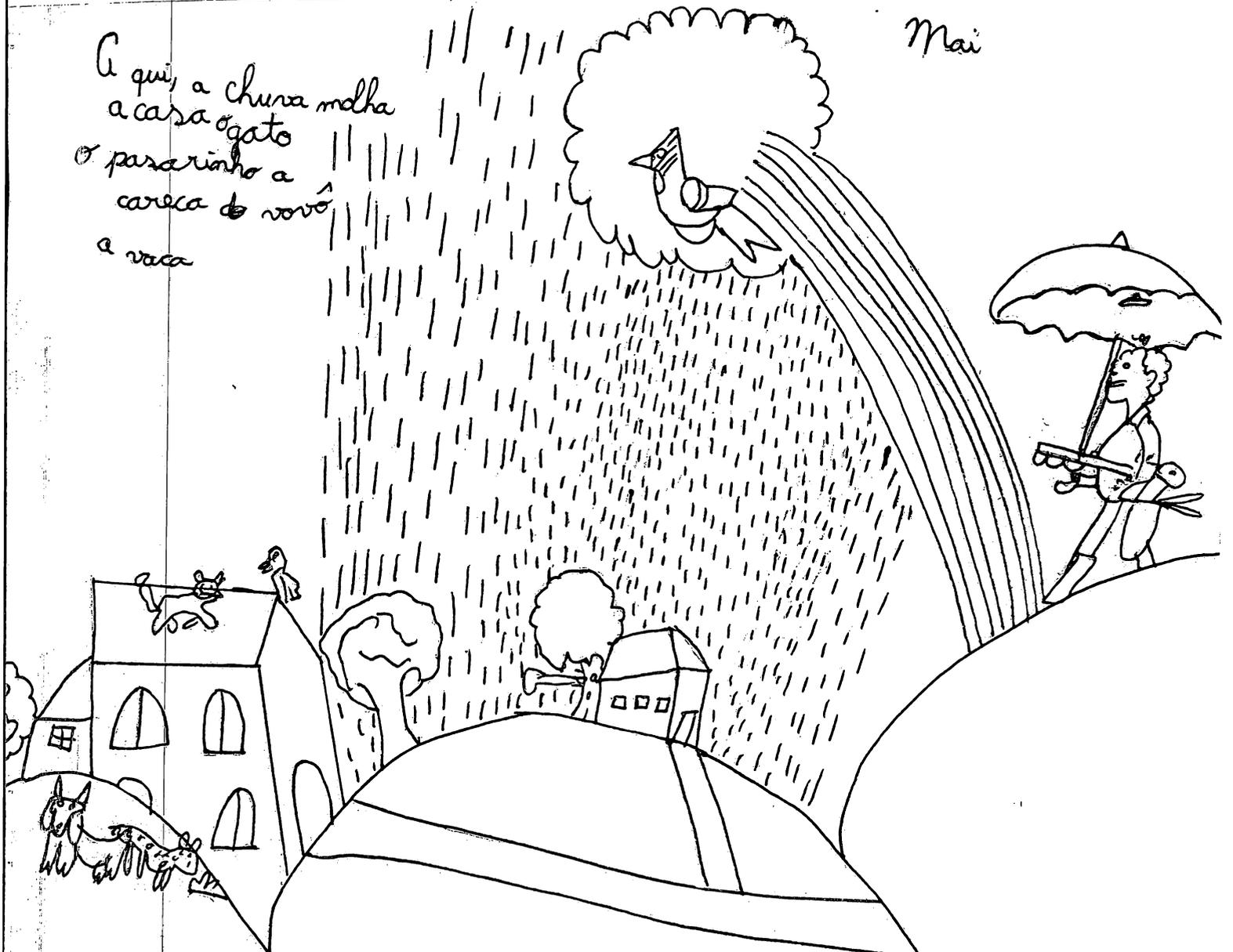
Destaque de palavras do texto: algumas palavras foram destacadas do texto e incorporadas ao vocabulário usual dos alunos. As palavras foram: chuva, telhado, mar, galho, navio, gaivota, peixe e guarda-chuva.

Atividades sobre notícias: num outro dia, levei jornais para a sala de aula para mostrar aos alunos sobre as inundações. Expliquei aos alunos como são as Manchetes dos Jornais.

Exploração de notícias: relação entre fantasia e realidade - elaborei uma atividade procurando relacionar fantasia com a realidade, integrando notícias das histórias com notícias do cotidiano.

Ilustração dessas notícias: os alunos ilustraram notícias das histórias e da realidade deles. Essas notícias estavam es-

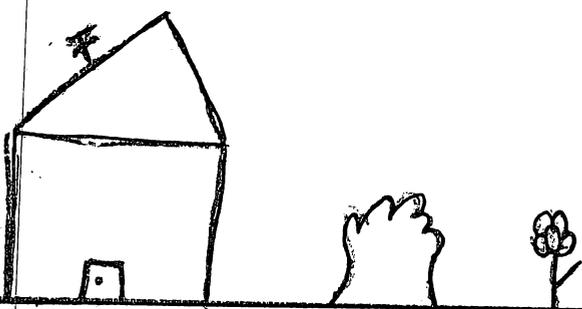
critas em duas folhas mimeografadas com espaço em branco para os alunos desenharem. Um dos espaços em branco ficou reservado para que cada um ilustrasse e escrevesse a sua notícia. As notícias que os alunos ilustraram foram: "VAI TER FESTA NO CÉU", "A CHUVA PROVOCA INUNDAÇÕES", "A GALINHA PROCURA SEU FILHINHO", "A ONÇA MORREU!", "VAI TER FESTA JUNINA NA ESCOLA".



NOTICIAS

Mae Dia: 5/6/92

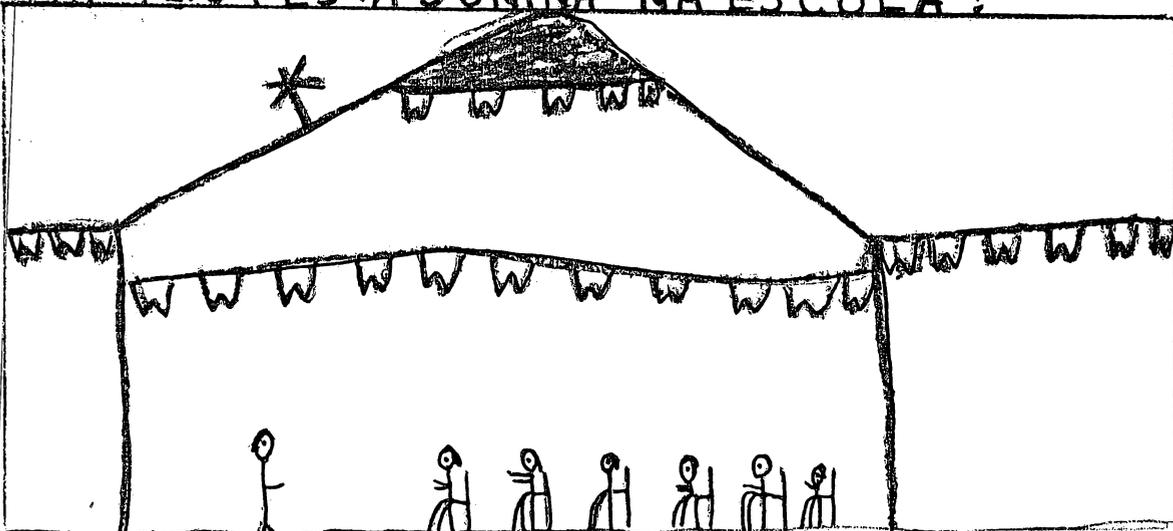
Vai ter festa no céu!



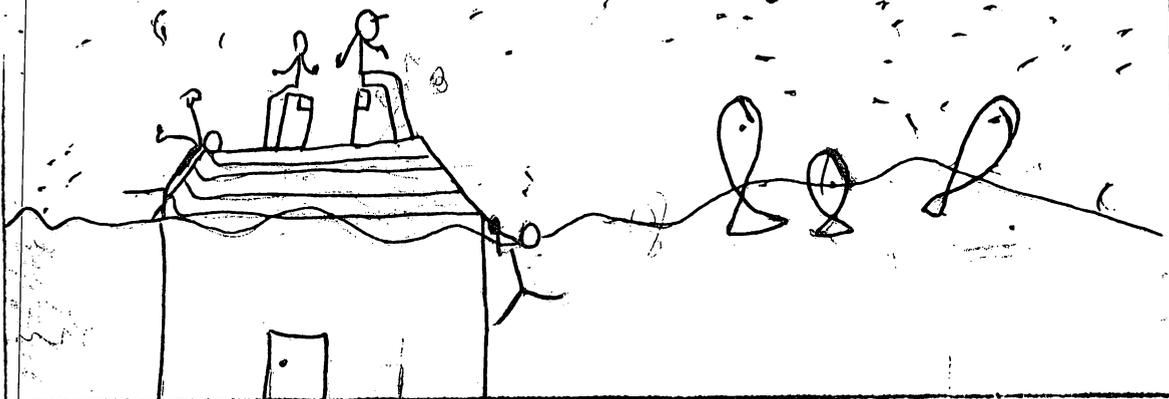
DONA ONÇA MORREU!



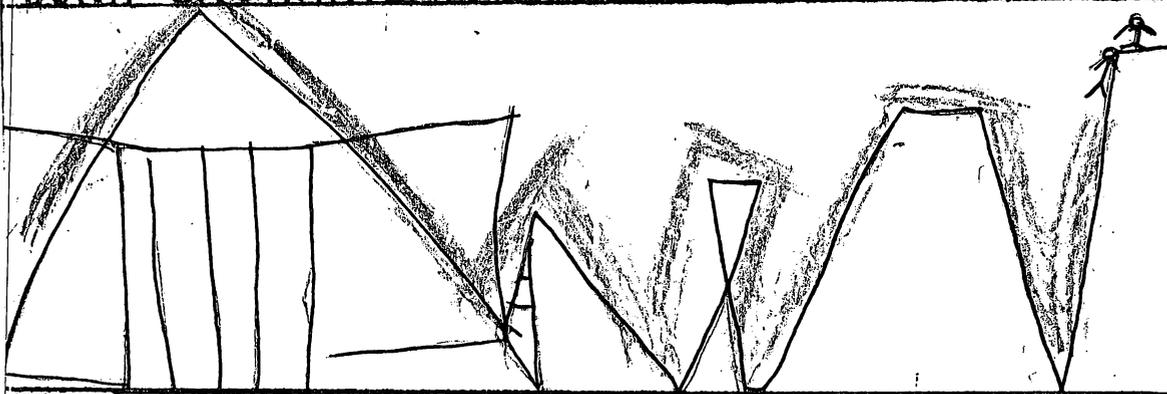
VAI TER FESTA JUNINA NA ESCOLA!



A CHUVA PROVOCA INUNDAÇÕES! André 816



DONA GALINHA PROCURA SEU FILHINHO!



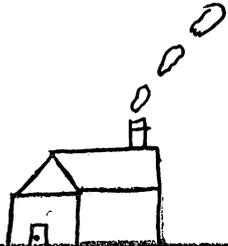
Agora você escreve e ilustra sua notícia.



Walter. Dia: 8/6/92

A CHUVA PROVOCA INUNDAÇÕES!

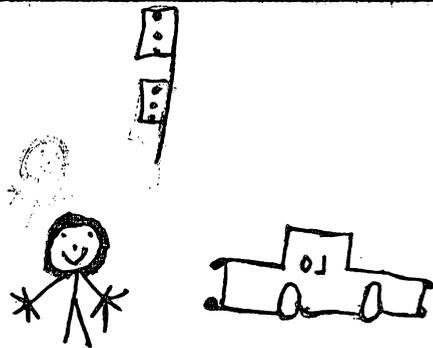
|||||
||||| A chuva alagou a casa.



DONA GALINHA PROCURA SEU FILHINHO!

✎ ✎
✎
✎ A galinha encontrou pintinho e ficou alegre.

Agora você escreve e ilustra sua notícia.



O carro atropelou o menino.

sapo vai ter festa na céu!



DONA ONÇA MORREU!

Dona onça espirou trevei 3



VAI TER FESTA JUNINA NA ESCOLA!

vai ter pipoca bebida pinhão



X Poesias

A poesia parte da relação lúdica e sensível que as crianças mantêm com as palavras. O poema tem função conotativa; através dele a emoção se expressa na linguagem escrita.

Objetivos do trabalho com poesias:

- Aproximar a criança do texto poético com a finalidade de apreciá-lo como forma de linguagem que difere da linguagem usual.
- Despertar a sensibilidade no aluno, para apreciar o poema, sentindo-lhe o ritmo, a sonoridade e a criatividade.

X MERCADO DE TROCAS

Roseana Murray

Troco um passarinho na gaiola
 por um gavião em pleno ar
 Troco um passarinho na gaiola
 por uma gaivota sobre o mar
 Troco um passarinho na gaiola
 por uma andorinha em pleno vôo
 Troco um passarinho na gaiola
 por uma gaiola aberta, vazia ...

(Classificados Poéticos, B. Horizonte,
 Migiulim, 1988).

PROCURA-SE

Roseana Murray

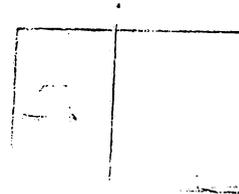
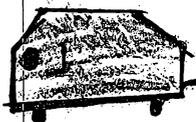
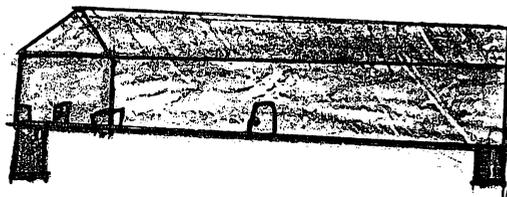
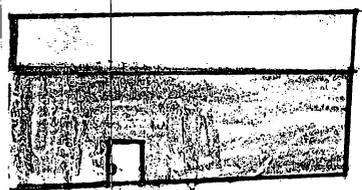
Procura-se algum lugar no planeta
 onde a vida seja sempre uma festa
 onde o homem não mate
 nem bicho nem homem
 e deixe em paz
 a árvore da floresta

(Classificados Poéticos, B. Horizonte,
 Migiulim, 1988).

Val Dia: 12/6/92 coisas que me deixam alegre



eu gosto de possuir de
Caminhão, ajuda meu pai



POESIAS

A escolha das poesias "PROCURA-SE" e "MERCADO DE TROCAS", foi motivada por um assunto em evidência durante os últimos dias, a ECO 92, e por conseguinte, meio ambiente e ecologia.

Procedimentos

Em folhas grandes de computador, copiei na presença dos alunos as duas poesias.

Depois de escrevê-las foram fixadas na parede da sala onde permaneceram durante alguns dias.

Li as poesias para os alunos, chamando a atenção para as rimas e para as palavras que eles já conheciam.

Fiz a leitura em outras ocasiões. Depois de algum tempo, alguns alunos já sabiam de cor "pedacinhos" da poesia.

Palavras como: planeta, passarinho, gavião, gaivota, festa, bicho, árvore, paz, foram incorporadas no vocabulário dos alunos.

Alguns dias depois, voltei a trabalhar com a poesia "PROCURA-SE".

"Procura-se algum lugar no planeta onde a vida seja sempre uma festa."

Conversei com os alunos sobre o significado desses versos; o que faz com que a vida seja uma festa. Dessa conversa surgiu uma lista de "Coisas que me deixam alegre." A lista foi aos poucos sendo surgida pelos alunos e eu ia escrevendo no quadro.

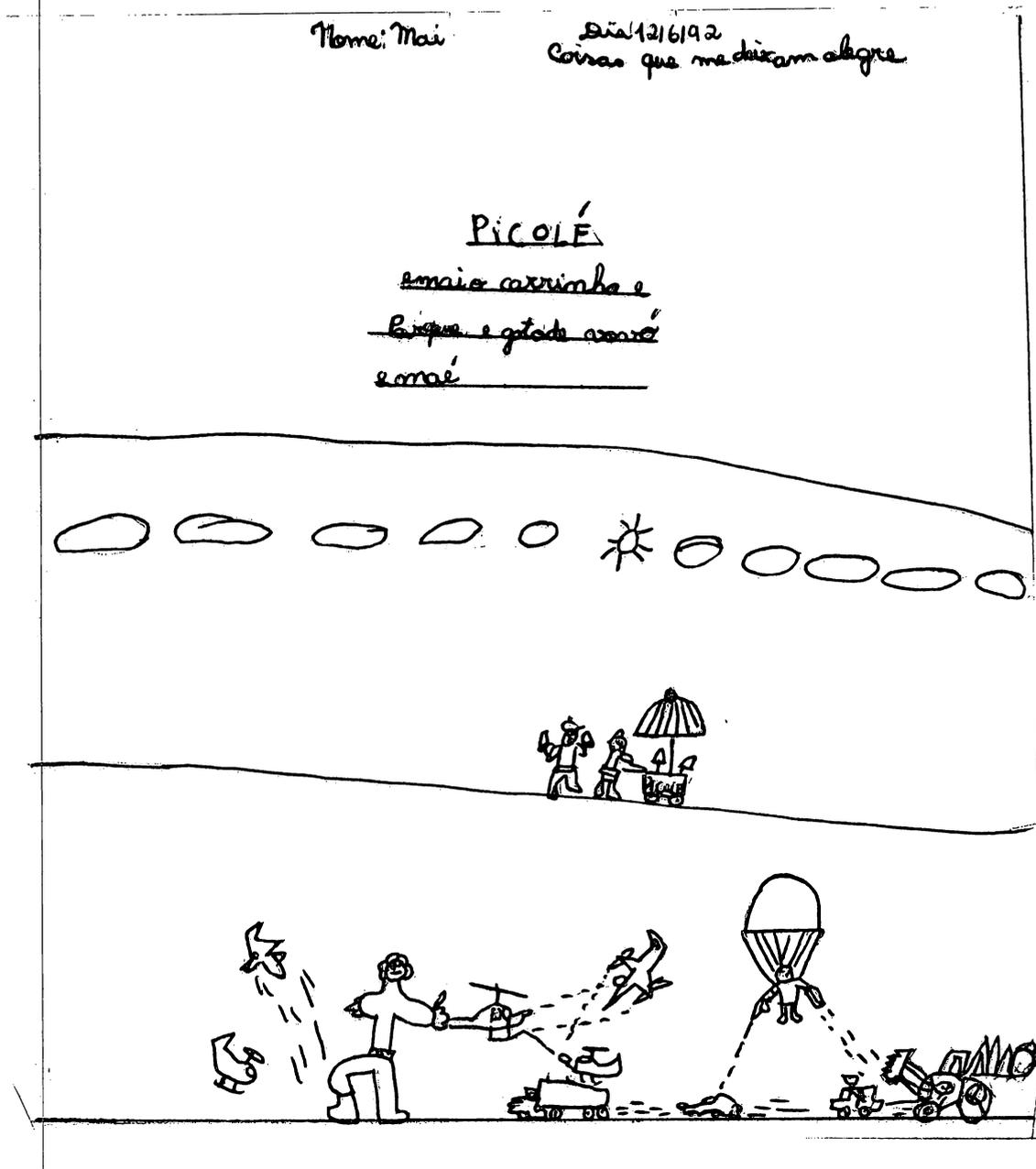
Coisas que me deixam alegre:

Alegria, vida, amor, ter mãe, ter pai, ter família, ter "vó", poder brincar, ter saúde, ter casa, comer doces, picolé, passeios, flores.

Depois de ler a lista para os alunos, pedi para que cada um desenhasse e escrevesse sobre o que lhes deixam alegres.

A outra atividade foi proposta dias após. Passei no quadro "PROCURA-SE". A leitura foi feita coletivamente. Conversei com os alunos sobre a poesia e especialmente o verso onde diz: "onde o homem não mate nem bicho nem homem e deixe em paz a árvore da floresta". Na conversa, surgiu o caso, aqui em Curitiba, do tigre que fugiu do circo e foi morto durante a captura. Falamos também das guerras, da violência que as pessoas praticam umas contra as outras.

A seguir, os alunos copiaram do quadro a poesia e pedi para que desenhassem. A maioria dos alunos desenhou sobre os animais, fazendo apelo para não matá-los.

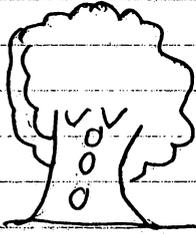
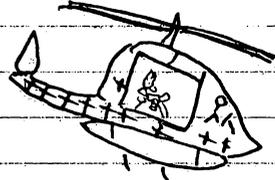


Nome: Mai

Póesia

Procura-se

Procura-se algum lugar no planeta
onde a vida seja sempre uma festa
onde o homem não mate
nem bicho nem homem
e deixe em paz
a árvore da floresta.



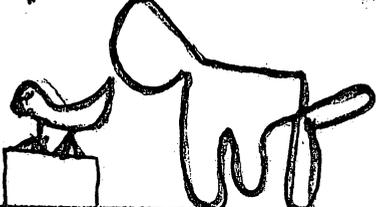
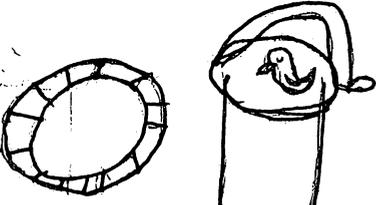
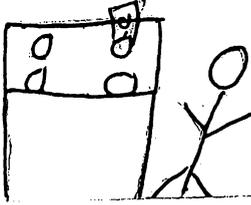
- não mate os animais.

Identificação das palavras: os alunos identificaram palavras e tentaram ler, já que conheciam a música. Fui explorando o texto, ora lendo, ora cantando, enquanto os alunos estavam interessados.

Desenho: distribuí folhas para que os alunos desenhassem.

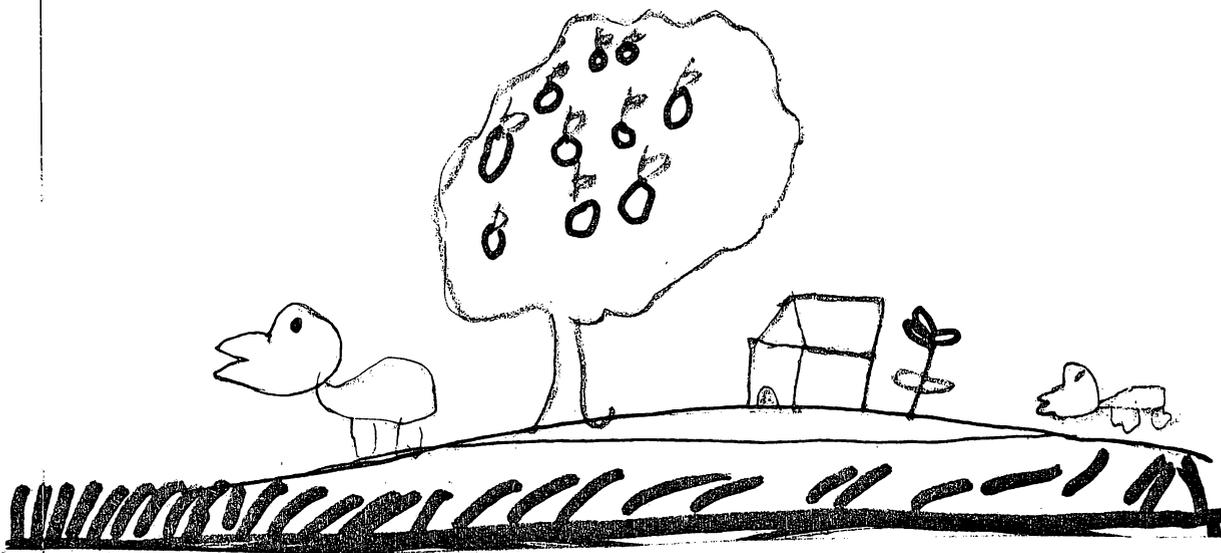
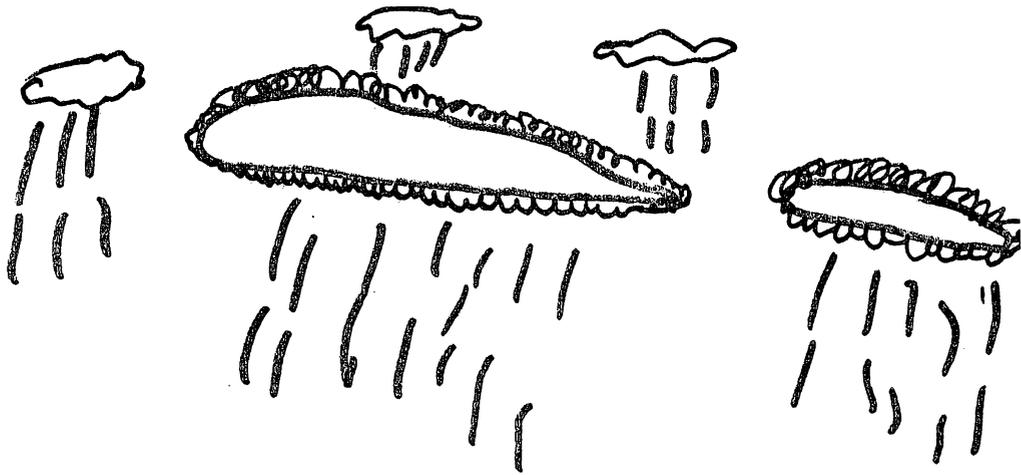
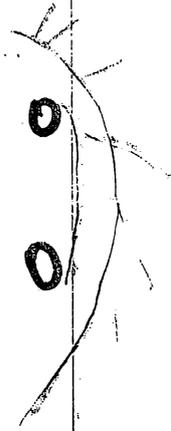
Ilustração do texto: em um outro dia, retomamos à atividade. Os alunos fizeram a ilustração do texto.

Outras atividades: leitura e montagem de palavras que foram colocadas em folhas de sulfite.

Jo	O Pato	814192
<p data-bbox="292 794 667 884">O pato pateta Pintou o caneco</p> 	<p data-bbox="970 786 1427 872">Derrou a galinha Bateu no marreco</p> 	
<p data-bbox="297 1074 787 1164">Bilou do poleiro No pé do cavalo</p> 	<p data-bbox="961 1074 1371 1164">Lançou um coice Crisou sem galo</p> 	
<p data-bbox="329 1378 790 1476">Caiu no poço Quebrou a tigela</p> 	<p data-bbox="901 1378 1419 1476">Tantas fez o moço Que foi pra panela</p> 	

lo pato
La remopato
Pata aqui pata acolaí
Paí remo pato
Para veroque e' que há.

Uma 714192



A FOCA

Vinicius de Moraes

Quer ver a foca
Ficar feliz?
É por uma bola
No seu nariz.

Quer ver a foca
Bater palminha?
É dar a ela
Uma sardinha.

Quer ver a foca
Fazer uma briga?
É espetar ela
Bem na barriga

Procedimentos

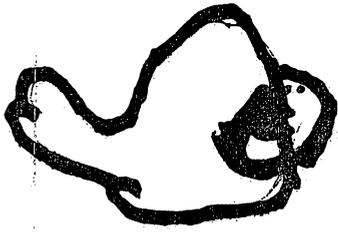
- Leitura e apresentação da música.
- Registro da música no quadro.
- Destaque para as rimas.
- Leitura do texto pelos alunos.

Conhecimento da foca: apresentação de um pequeno texto da revista "Ciências para crianças". Através disso os alunos puderam saber: como são as focas, onde vivem, o que comem.

Desenho: os alunos fizeram o desenho em folhas.

WAL

Dia: 9/6/92



a foca foi fundo do mar.
vive no gelo brinca na piscina



O ELEFANTINHO

Vinicius de Moraes

- Onde vais elefantinho
Correndo pelo caminho
Assim tão desconsolado?
Andas perdido bichinho
Espetaste o pé no espinho
Que sentes, pobre coitado?

- Estou com um medo danado
Encontrei um passarinho

Procedimentos

Leitura: fiz a leitura da poesia O ELEFANTINHO e depois copiei no quadro.

Identificação das rimas: li novamente, agora junto com os alunos.

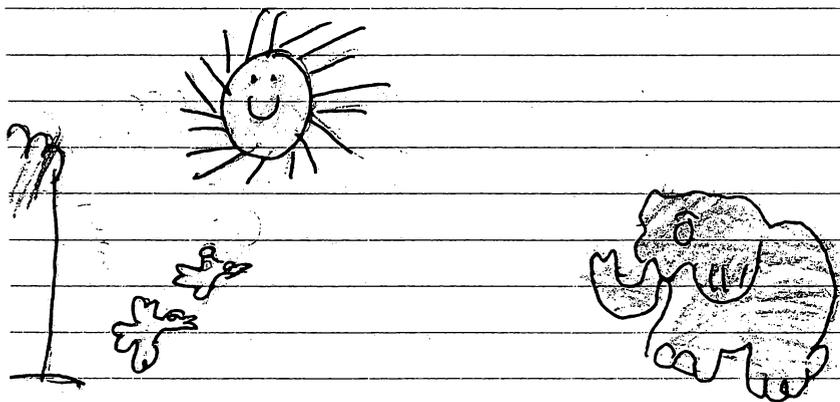
Cópia da poesia e desenho: distribuí uma folha pautada para cada aluno para que copiassem a poesia. Chamei a atenção para a estética do texto: paragrafação, pontuação, letras maiúsculas, etc.

Desenho: a seguir os alunos fizeram o desenho na mesma folha.

Informações sobre o elefante: em um outro dia, levei e li para os alunos informações sobre o elefante.

Poesia 111
 O elefantinho

= Onde vai elefantinho
 Correndo pelo caminho
 Assim tão desconsolado?
 Andas perdido bichinho
 Espetaste o pé na espinha
 Que sentes, pobre cortado?
 - Estou com um medo danado
 Encontrei um passarinho



O elefantinho ele escodrou com a
 mãe
 E o seu filhote.

LEÃOZINHO

Caetano Veloso

Gosto muito de ver Leãozinho
Caminhando sob o sol
Gosto muito de você Leãozinho
Para desentristecer Leãozinho
O meu coração tão só
Basta eu encontrar você no caminho
Um filhote de Leão
Raio da manhã
Arrastando meu olhar como um imã
O meu coração é o sol pai de toda cor
Quando ele lhe doura a pele ao léu
Gosto de te ver ao sol Leãozinho
De te ver entrar no mar
Tua pele
Tua luz
Tua juba
Gosto de ficar ao sol Leãozinho
De molhar minha juba
De estar perto de você
E entrar numa.

Encontrei esse livro na Biblioteca da Escola. É o texto da música "LEÃOZINHO" de Caetano Veloso.

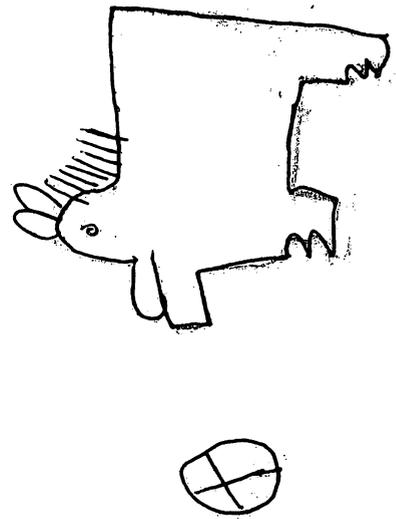
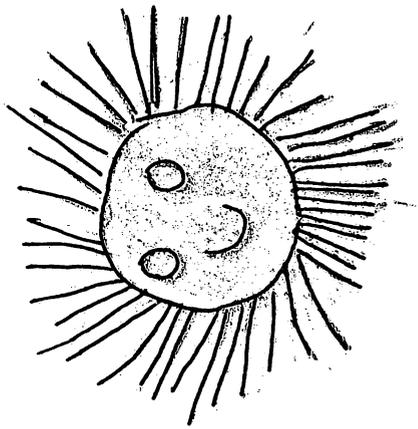
Foi escolhido para o trabalho com a turma porque acho essa música um primor, é um texto atraente, singelo e cativante.

Procedimentos

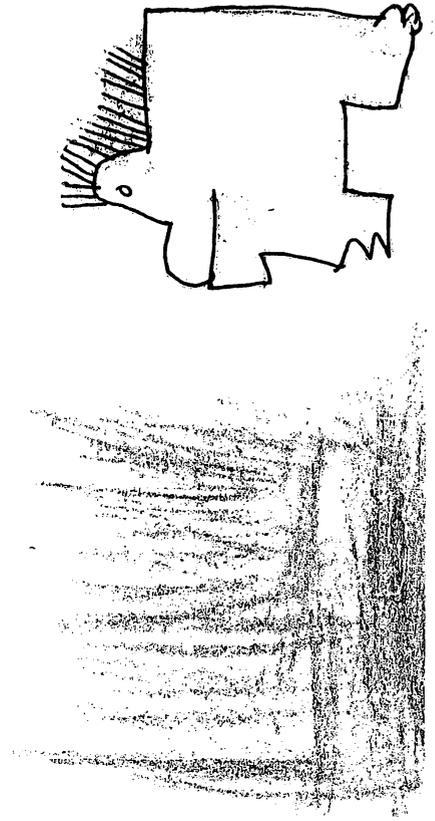
Leitura: fui lendo e mostrando as ilustrações e o resto ficou por conta da sensibilidade de cada um.

Desenho: depois da leitura, os alunos escolheram o que iam desenhar e escrever.

O leãozinho bicara
Covabola



Ele voiperto do Max
vinha uma onta
muito pequena.



Cantigas

Uma das contribuições mais relevantes da literatura é manter viva através dos tempos o patrimônio oral dos povos, histórias, lendas, canções, parlendas, provérbios, adivinhas.

Essa transmissão oral das tradições precedem os livros e muitas vezes os substituíram.

Esse patrimônio cultural transmitido através das gerações, tende a desaparecer nos grandes centros urbanos onde as pessoas não se reúnem mais para conversar.

Além da família, a escola pode contribuir para que as tradições de seu povo não se percam em meio às fortes influências que os meios de comunicação mantém sobre os costumes e tradições.

O trabalho com a literatura oral, cantigas, parlendas e histórias contadas tem como objetivo:

- Resgatar da memória popular essa literatura, mantendo vivo o patrimônio cultural do nosso povo a fim de transmiti-lo às gerações futuras.

Procedimentos

Conversa com os alunos: comecei perguntando das quais músicas, canções que lembravam, que canções suas mães cantavam para eles quando eram pequenos. Que músicas cantavam nas brincadeiras; o que se cantava em casa, para embalar o nenê?

Um dos alunos contou que sua mãe ajuda a cuidar de um bebê. No outro dia ele trouxe uma canção que conhecia e eu pedi para que cantasse para os colegas. Outro aluno também trouxe escrito no seu caderno uma canção que aprendeu em casa.

A maioria das músicas que explorei, eram conhecidas pelos alunos. Em seguida, distribui uma folha mimeografada com canções.

Leitura: li junto com as crianças e eles foram identificando palavras que conheciam. Também fizemos identificação das rimas.

Ilustração: os alunos fizeram a ilustração das canções.

Nome: Max

Dia: 28 de julho

CANTIGAS

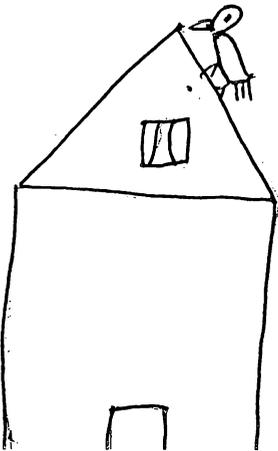
Batatinha quando marca
Esparrama pelo chão
Mamãezinha quando dorme
Tõe a mão no coração



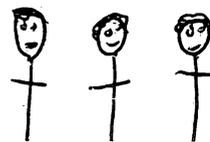
Bói bói da cara preta.
Pega essa criança
Que tem medo de careta.



Roda cutia
De noite e de dia
O galo cantou
A cara caiu.



Roda roda roda
pé, pé, pé
roda roda roda
Caranqueijo peixe é



Nome: Vê

Dia: 30/7/92

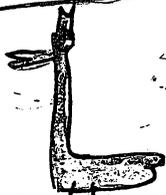
CANTIGAS

Fiz a cama na varanda
 Esqueci do cobertor
 Deu o vento na roseira
 Me cobriu todo de flor!



flor cobertor

Dorme nenê
 Nenê do pirau
 O pato com a marreca
 E a galinha com o peru!

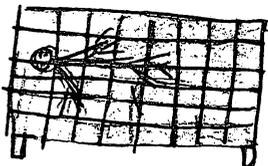


pato



galinha

Dorme nenê
 Que lido não tem
 Papai foi pra roça
 Mamãe logo vem!



tem vem

Rimas

O trabalho com poesias e músicas infantis motivou a exploração de rimas.

Procedimentos

Explicação: expliquei aos alunos que rima são palavras que terminam iguais; é a aproximação sonora no final das palavras. Falei também que muitas poesias possuem rimas.

Identificação de rimas: identificamos as rimas das poesias já trabalhadas. Em seguida, distribuí uma folha mimeografada com versos onde aparecem rimas.

Leitura: fizemos uma leitura coletiva e os alunos foram descobrindo quais palavras formavam as rimas de algumas quadrinhas conhecidas por eles.

Ilustração: os alunos fizeram a ilustração de cada texto.

Nome: Ac

Rimas

Tem um pintinho amarelo
que late que nem um cão
É que ele acha piar
falta de imaginação.

pintinho foi na cidade



O elefante irritado
— um esportista frustrado —
protesta fazendo estrondo:
queria comprar um tênis
e não há tênis redondo.

O elefante foi na loja para compra
o sapato

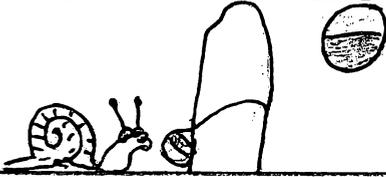


Nome: //lar

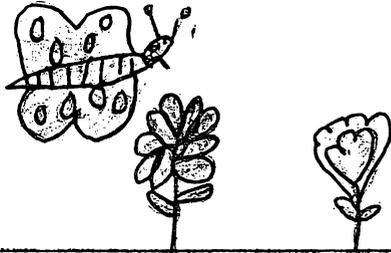
uma

Vamos fazer rimas

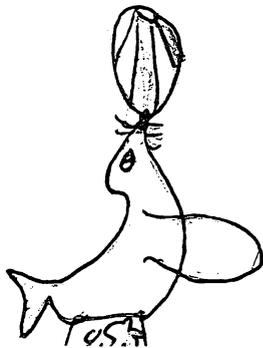
Lá se vai o caracol
 Sua casa a carregar
 Lá se vai o caracol
 Quando cansa é só parar



Vem voando a borboleta
 Voou por todo o jardim
 Passa por cima da violeta
 Mas vai pousar no gerânio



Quer ver a foca
 Ficar feliz?
 É por uma bola
 No seu nariz



Outras atividades

Textos de várias histórias

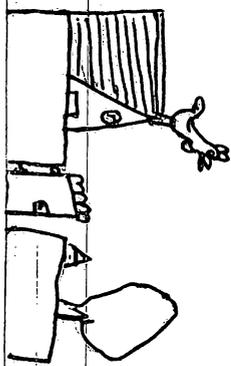
Procedimentos

Vários textos (pedaços de histórias): Cada aluno pegou um texto, procurou ler e identificar de que história era. Foi distribuída uma folha em branco onde o aluno colou o texto, ilustrou e escreveu alguma coisa sobre a história em questão.

Mai

O PINTINHO DO vizinho

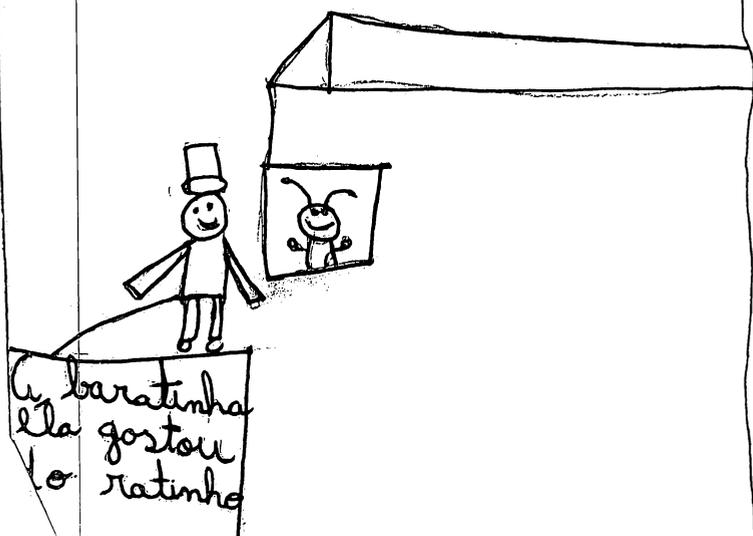
- O MEU PINTINHO! FALOU A
GALINHA DO VIZINHO.
- COMO ESTÁ GRANDE!
E QUE LINDO ELE ESTÁ!



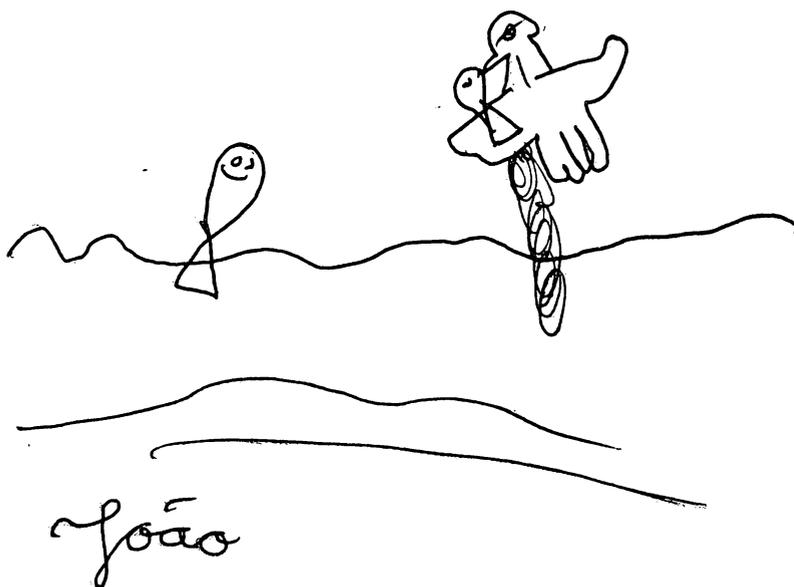
A galinha viu o pintinho grande ficou feliz

William

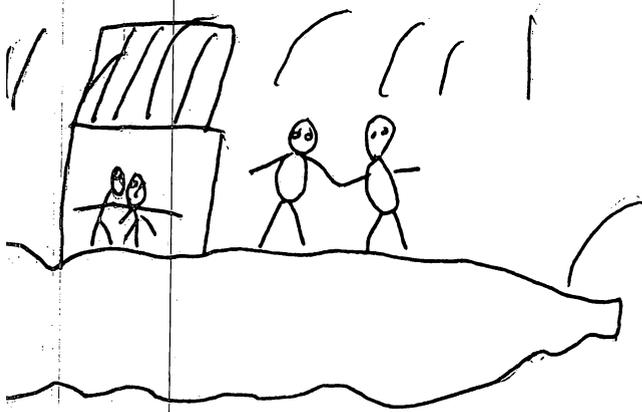
**QUEM QUER CASAR
COM A BARATINHA
QUE É TÃO BONITINHA,
E TEM DINHEIRO NA
CAIXINHA?**



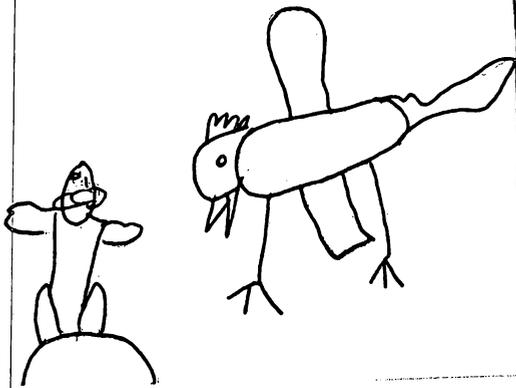
**LÁ A CHUVA MOLHA A GAIVOTA
MOLHA O PEIXE QUE A GAIVOTA
PEGOU NO MAR.**



VAI TER FESTA NO CÉU, SAPO.



Wil
 vai ter festa no céu a po
 era te pinão eoca ipiza
 era te dança



Outras atividades

No trabalho com os livros de literatura, poesias e outros, as crianças passaram a reconhecer muitas palavras que não eram usadas no seu dia a dia.

As palavras gaiota e mar apareceram no livro "CHUVA", sol apareceu no "LEÃOZINHO".

Atividade proposta:

Formar palavras determinadas com letras distribuídas.

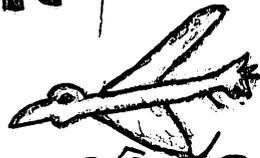
Procedimentos

Foram distribuídos aos alunos quadradinhos de letras, recortadas em papel sulfite. Pedi que deixassem em cima da carteira e fossem formando palavras. As palavras formadas foram: GAIVOTA, MAR e SOL. Em folhas de sulfite, cada aluno montou e colou as palavras. Em seguida fizeram o desenho e escreveram.

G A I V O T A

S O L *ru*

M A R



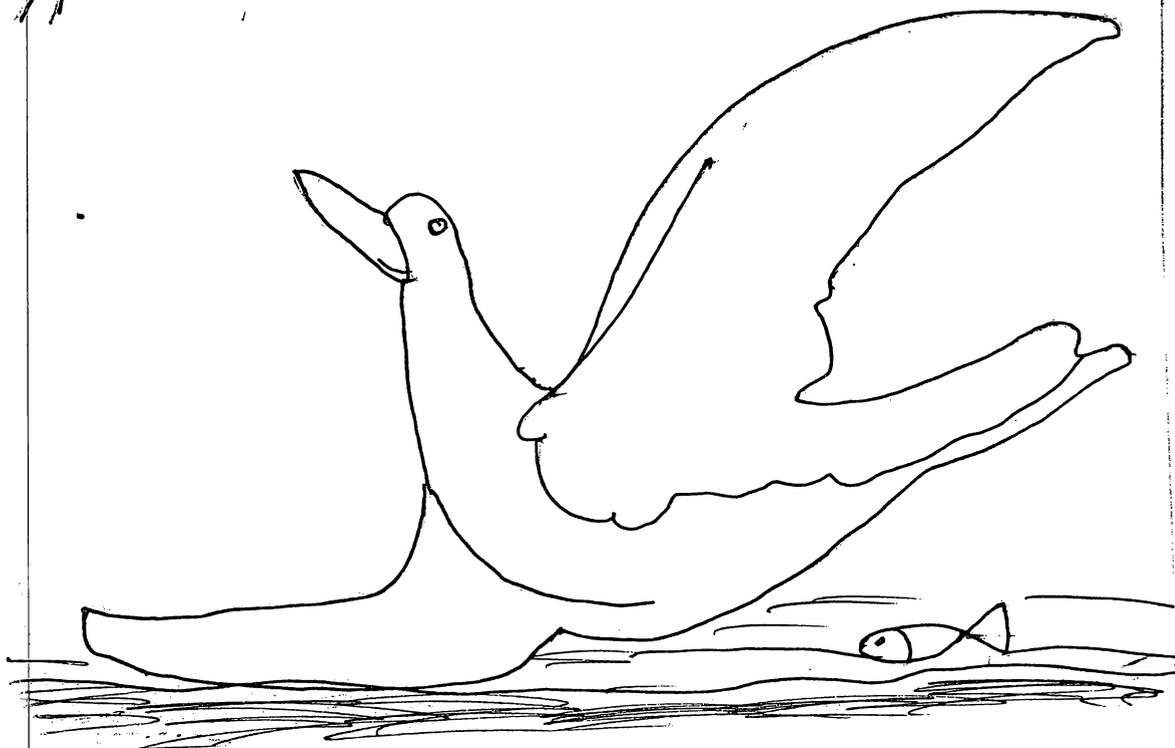
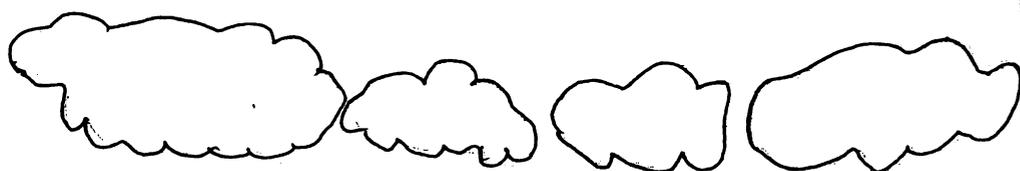
*A gaiota ta voando
no céu
a gaiota pegou um peixe.*

G A I V O T A

S O L

M A R

A gaiivota ela
voava pelo mar
A gaiivota ela viu
o peixe li



BIBLIOGRAFIA COMENTADA

ANDERSEN, Hans Christian. O Patinho Feio. In: O Mundo da Criança. Rio de Janeiro, Ed. Delta, 1974.

Essa e outras histórias são encontradas no Mundo da Criança. São histórias que agradam às crianças e são consideradas clássicos da Literatura Mundial.

BANDEIRA, Pedro. O Pintinho do Vizinho. São Paulo, Ed. Moderna, 1985.

Apesar de ser um texto longo, prende a atenção das crianças. É a história de uma galinha que perdeu o seu pintinho. O texto agrada pela comunicabilidade com o leitor que aguarda o final da história com ansiedade.

CACCESE, Neusa P. Um tigre, dois tigres, três tigres. São Paulo, Ed. Paulinas, 1984.

Coletâneas de parlendas, onde Eva Furnari usa de muita criatividade nas ilustrações do texto.

CASASANTA, Terezinha. Onde está mamãe? Ed. do Brasil.

Além das ilustrações o que chama a atenção das crianças nesse livro é o enredo. Conta a história dos patinhos que perdem a sua mãe.

CICA. Bichos, Bicho! São Paulo, F.T.D., 1985.

Livro ilustrado por Ziraldo; trata o tema "Bichos" com muito humor.

FRANÇA, Eliardo e Mary. Eoge, tatu. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1990.

Livro que conquista pela criatividade e humor e muito colorido nas ilustrações.

----- Chuva! São Paulo, Editora Ática, 1980.

Esse livro aborda o tema "Chuva" de maneira poética. Texto simples mas atraente.

GRIMM, Jacob e Wilhelm. O Lobo e os Sete Cabritinhos. Porto Alegre, Ed. Kuarup, 1973.

Texto integral desse clássico da literatura.

PÁDUA, Ligia G. Aconteceu com a margarida. Belo Horizonte, Ed. Vigília, 1985.

As ilustrações desse livro fazem parte do texto. O autor conseguiu inserí-las no texto o que torna o livro muito interessante.

PERROTI, Denise C. O que é O que é. São Paulo, Ed. Paulinas, 1989.

Com belas ilustrações de Eva Furnari esse livro é uma coletânea de adivinhações populares.

VELOSO, Caetano. Leãozinho. Editora Rios, S/D.

é o texto da música de Caetano Veloso, transformada em livro. Ilustrado com muito bom gosto e imaginação, texto e ilustrações se complementam harmoniosamente.

CONCLUSÃO

Considerando o espaço de tempo previsto para a aplicação do Projeto de Pesquisa, os resultados alcançados, isto é, o desenvolvimento da leitura e escrita pelos alunos nesse período, podem ser considerados satisfatórios.

Dos 15 alunos que inicialmente compunham a turma, 13 deles foram integrados em uma classe de 2ª série, para que pudessem acompanhar os conteúdos previstos, pois já se encontravam alfabetizados.

Todos os demais demonstraram uma efetiva evolução quanto ao desenvolvimento da leitura e escrita.

Devido a características da turma, composta de alunos que já haviam passado por um ou dois anos em classes de alfabetização, o trabalho inicial com eles tornou-se um desafio.

Antes de tudo foi preciso fazer com que se sentissem capazes de aprender a ler e escrever, superando a desmotivação e resgatando a auto-estima e a confiança em si mesmos.

Isso foi possível, e cada um progrediu de acordo com seu ritmo de aprendizagem. Tendo demonstrado no 1º diagnóstico conhecimentos diferenciados sobre a leitura e escrita, não se podia esperar que todos tivessem alcançado o mesmo nível de desenvolvimento num período de tempo determinado.

O uso intensivo da Literatura Infantil mostrou-se eficiente como motivadora, provocando interesse na aprendizagem da leitura e escrita.

Os livros de histórias fazendo parte integrante da sala de aula substituiu a cartilha durante todo o processo. Os exercícios tradicionais contidos nos livros didáticos foram substituídos por atividades significativas ligadas à Literatura Infantil.

Esta serviu principalmente como modelo de linguagem escrita na qual os alunos puderam se espelhar para produzir seus textos.

Durante o trabalho com esses alunos, estudando e refletindo, procurando interligar teoria e prática pude perceber que:

- Há necessidade do professor alfabetizador ser dotado de conhecimentos teóricos consistentes que lhe darão sustentação para mudar sua prática na sala de aula;
- A melhoria do espaço físico da escola, o fornecimento de material pedagógico e de estrutura de apoio, são indispensáveis para a sustentação da proposta pedagógica;
- A preparação adequada através de estudos e reflexões para outros professores que atuam na escola, torna-se urgente, para que todos entendam a proposta de alfabetização e para que haja continuidade do trabalho nas outras séries.

O conhecimento teórico e a visão da realidade do que acontece na educação em nosso país, me trouxe o entendimento de que o analfabetismo pode também ser produzido na sala de aula. Isso acontece quando não se buscam todas as alternativas possíveis para reverter a evasão, a repetência e o fracasso escolar.

Para que haja a reversão desse processo é necessário contar com diretrizes educacionais eficientes e com o trabalho coletivo dos educadores. Só assim poderá haver o resgate da dignidade profissional do professor e quem sabe possamos tornar realidade a efetiva democratização do ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVERBUCK, Lígia Morrone. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, Regina (org.). Leitura em crise na escola: as alternativas do professor. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetizar: o que é e como fazer. Curitiba, SEED, 1988. Mimeografado.

.... Alfabetização e Linguística. São Paulo, Scipione, 1991.

COSTA, Marta Moraes. Entrevista: Cadernos de Alfabetização nº 1. Curitiba, SEED/UFPR, 1986.

FERREIRO, Emília. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

MEIRELES, Cecília. Problemas da Literatura Infantil. Summus, 1979.

PARANÁ, Secretaria de Estado e Educação. Cadernos do Ensino Fundamental: Alfabetização/Avaliações. Curitiba, SEED, 1991.

.... Currículo Básico para a Escola Pública do Paraná. Curitiba, SEED, 1990.

.... Reflexões sobre a Alfabetização: Subsídios. Curitiba, SEED/DE-PEG, 1987.

PERROTI, Edmir. O texto sedutor na Literatura Infantil. São Paulo, Ícone, 1986.

REGO, Lúcia L.B. Literatura Infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola. São Paulo, F.T.D., 1988.

SABISON, Maria Laura. A criança e a alfabetização: ler não é decodificar. Campinas, UNICAMP, s/d., Mimeografado.

SMOLKA, Ana Luíza B. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo. São Paulo, Cortez, 1988.

TEBEROSKY, Ana. Psicopedagogia da Linguagem Escrita. São Paulo, Trajetória Cultural, 1989.

ZILBERMAN, Regina. A Literatura Infantil na Escola. São Paulo, Global, 1985.